



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO – UFERSA
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LINGUAGENS E CIÊNCIAS HUMANAS – DLCH
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS/LIBRAS

GIANY PAIVA PEDROSA

**PERCEPÇÃO DA ESCRITA DE SINAIS POR ESTUDANTES
SURDOS PARTICIPANTES DO CAS – MOSSORÓ / RN**

CARAÚBAS, RN
2019

GIANY PAIVA PEDROSA

**PERCEPÇÃO DA ESCRITA DE SINAIS POR ESTUDANTES
SURDOS PARTICIPANTES DO CAS – MOSSORÓ / RN**

Monografia apresentada a Universidade Federal Rural do Semiárido – UFRSA, *campus* Caraúbas, como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Letras Libras.

Orientadora: Prof. Esp. Maria Márcia Fernandes de Azevedo

CARAÚBAS, RN
2019

© Todos os direitos estão reservados a Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. O conteúdo desta obra tornar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

P372p Pedrosa, Giany Paiva.
PERCEPÇÃO DA ESCRITA DE SINAIS POR ESTUDANTES
SURDOS PARTICIPANTES DO CAS - MOSSORÓ / RN / Giany
Paiva Pedrosa. - 2019.
63 f. : il.

Orientadora: Maria Márcia Fernandes de Azevedo.
Monografia (graduação) - Universidade Federal
Rural do Semi-árido, Curso de , 2019.

1. Escrita de Sinais. 2. SignWriting. 3.
Libras. 4. Alfabetização em Ll. I. Azevedo, Maria
Márcia Fernandes de, orient. II. Título.

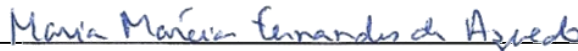
GIANY PAIVA PEDROSA

**PERCEPÇÃO DA ESCRITA DE SINAIS POR ESTUDANTES
SURDOS PARTICIPANTES DO CAS – MOSSORÓ / RN**

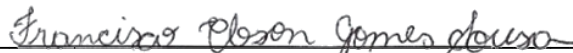
Monografia apresentada a Universidade Federal Rural do Semiárido – UFERSA, *campus* Caraúbas, como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Letras Libras.

Defendida em: 22 / março / 2019 .

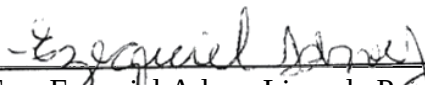
BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Esp. Maria Márcia Fernandes de Azevedo (UFERSA)
Presidente



Prof.^a Me. Francisco Ebson Gomes Sousa (UFERSA)
Membro Examinador



Prof.^a Esp. Ezequiel Adney Lima da Paixão (UFRN)
Membro Examinador

DEDICO

Àquela que me despertou para o mundo da Libras, **Francisca Janaína**. Tê-la como aluna de Biologia quando eu ainda estava encerrada em um mundo unicamente oralista, me mostrou o quanto eu era deficiente e precisava aprender a ensinar. Desta forma, dedico a todas as **Franciscas Janaínas** que encontram-se espalhadas, ansiando por conhecimento, e também a todas as **Gianys** que precisam acordar para o mundo da inclusão. Que elas possam interagir, compreender e se respeitar, mutuamente.

Por fim, dedico todo o aprendizado adquirido à **comunidade surda norte-riograndense!** Que eu possa honrar com minha promessa e, desta forma, contribuir para a incessante luta em busca dos direitos à educação e socialização do povo surdo.

OFEREÇO

A meu filho **Davi**, que me ensina diariamente o exercício do amor e da paciência, e me cobre dos melhores sentimentos. Por você, eu busco sempre me reinventar, para que possamos construir o seu sonhado “futuro mais humano”.

A meus pais **Josué e Eleide**, que com muita dedicação e carinho apoiaram minha decisão de voltar a estudar, assumindo obrigações que não eram suas, para que eu conseguisse continuar em meu caminho almejado. Vocês são o exemplo mais lindo e fiel do que se deve ser.

A meus irmãos **Thiago e Rodrigo**, pois mesmo à distância são pilares de sustentação em minhas decisões e me servem de modelo na busca pelos ideais. A meus sobrinhos **Gabriel, Matthew e Brendon**, que são lindas fontes de inspiração para continuarmos firmes em nossos propósitos.

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, agradeço ao Pai Celestial porque, além do dom da vida, me concedeu a perseverança de lutar pelo que acredito ser bom, justo e verdadeiro.

À Universidade Federal Rural do Semi-árido (UFERSA – *campus* Caraúbas/RN/Brasil) e a *Universidad Metropolitana de Ciencias de la Educación* (UMCE – *campus* Santiago/Chile), que me oportunizaram um aprendizado ímpar, o qual me comprometo em difundir, ampliando a troca de experiências e conhecimento acerca da educação e cultura surda. Ao Programa de Mobilidade Internacional Paulo Freire, pelo compromisso com o desenvolvimento da educação.

A professora Maria Márcia Fernandes de Azevedo, por aceitar o desafio e me acompanhar com seus ensinamentos, dedicação e auxílio. Ao professor Francisco Ebson Gomes de Sousa, por ser mais que um professor e cumprir com além de seu papel, tornando-se, verdadeiramente, um amigo. Ao professor Ezequiel Adney Lima da Paixão, por sua valorosa contribuição.

A professora e amiga Isabelle Pinheiro Fagundes e a colega e amiga Mariana Nívea Câmara, que gentilmente me ofereceram suas vozes para que mais pessoas pudessem entender sobre o que eu quiz falar. Não apenas nesta monografia, mas também em vários outros momentos dos últimos anos, vocês seguiram me mostrando que amizade é mais do que a presença física.

Aos professores da UFERSA que participaram do meu processo formativo: Carlos Barata, Elaine Forte, Francisco Vieira, Gabrielle Leite, Gisele Gama, Izabela Apolinário, Jéssica Girlaine, João Batista, José Roberto, Luciana Mafra, Mariane Linhares, Monaliza Rios, Niascara Valesca, Pedro Fernandes, Pedro Pone e Vicente Neto. Suas contibuições em minha vida acadêmica ajudaram a construir minha visão acerca da cultura e comunidade surdas.

As professoras da UMCE que não só colaboraram com minha vida profissional, como também proporcionaram uma troca de experiência intercultural inesquecível: Angela Soterias, Pamela Lattapiat, Valeria Rey e Verónica Castillo.

Ao CAS Mossoró, por todo o apoio, respeito e compreensão a mim destinados. Ter a oportunidade de trabalhar com vocês faz toda a diferença quando se busca a igualdade de oportunidades e direitos.

A comunidade surda que me acolheu de maneira tão especial, tão bonita e tão importante para mim. Pude construir fortes laços de amizade, que se enovelaram pela língua, e continuam a crescer com a convivência, empatia e lutas diárias.

A todos os colegas de graduação, pela companhia e parceria ao longo do tempo em que passamos juntos. Que este não seja um adeus, mas apenas um recomeço de nossas vidas com novas perspectivas e diferentes maneiras de nos encontrarmos.

Aos colegas e motoristas do transporte universitário, por todas as aventuras e desventuras que vivemos no trajeto entre Caraúbas e Mossoró.

Por fim, agradeço imensamente aos meus amigos e familiares que puderam vivenciar comigo a luta diária e incessante deste mundo que ora se abre para nós! O mundo da inclusão, do amor, da compreensão, da paciência, da sabedoria, da cultura, da Libras!

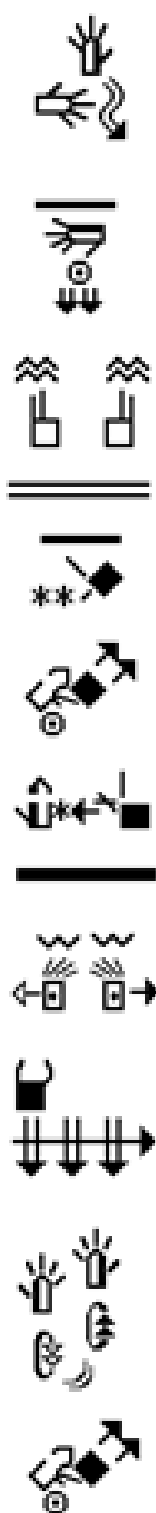
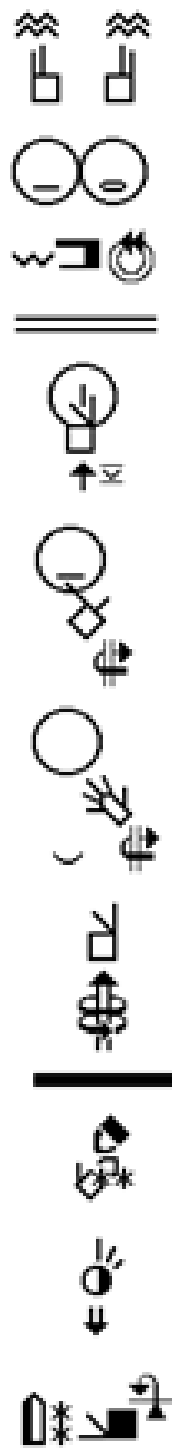
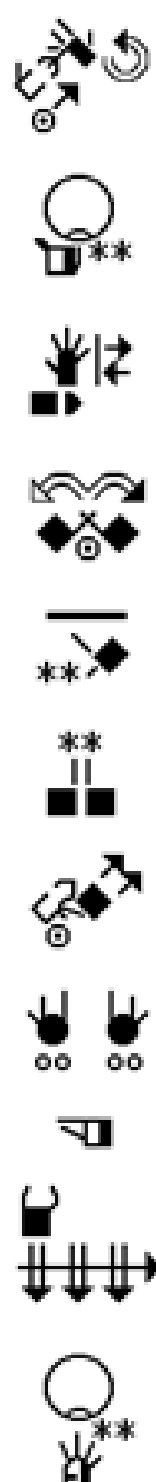
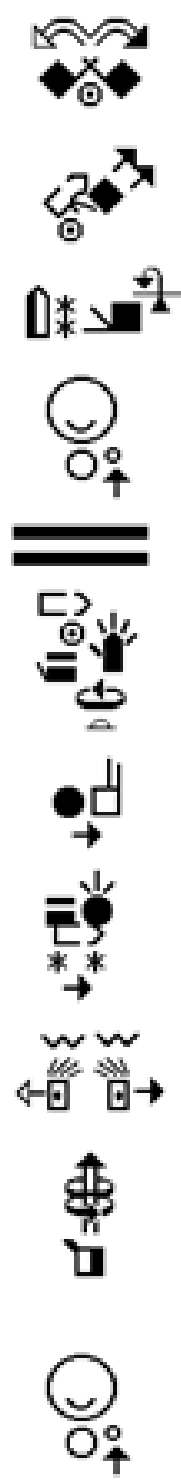
Não basta saber ler que “*Eva viu a uva*”.
É preciso compreender qual a posição que Eva
ocupa no seu contexto social, quem trabalha
para produzir a uva e quem lucra com esse
trabalho.

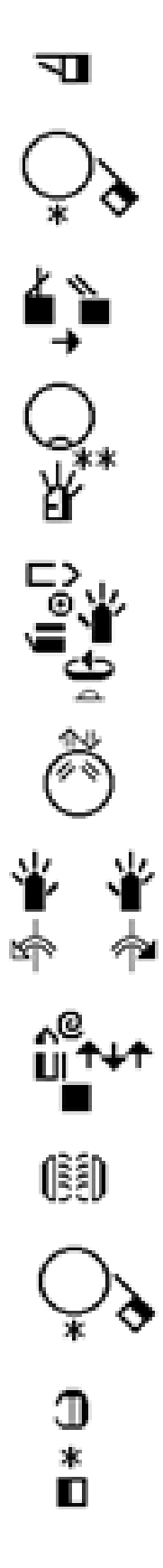
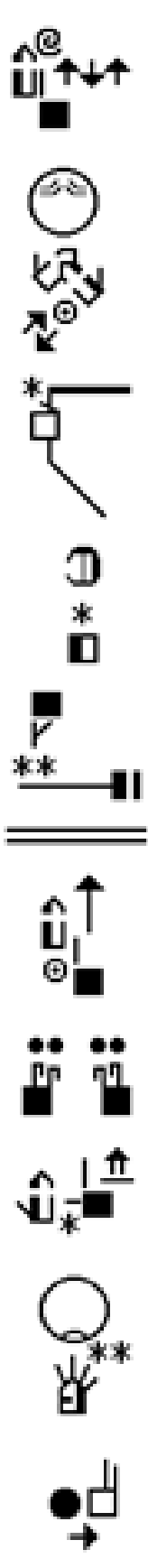
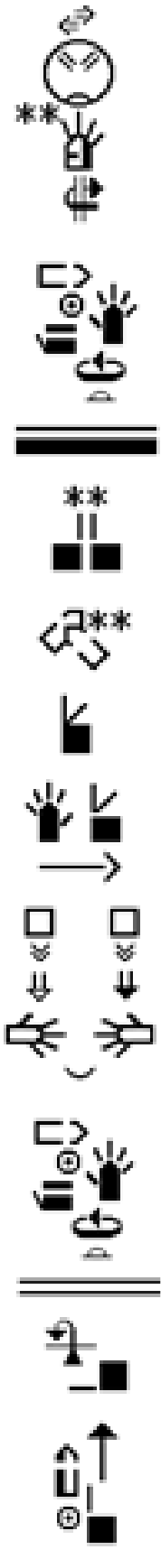
Paulo Freire

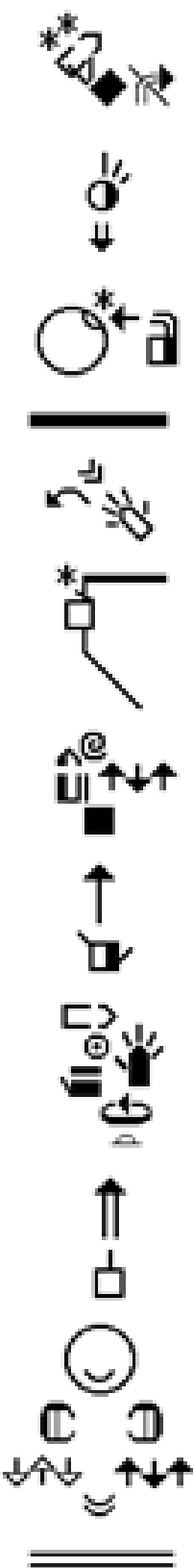
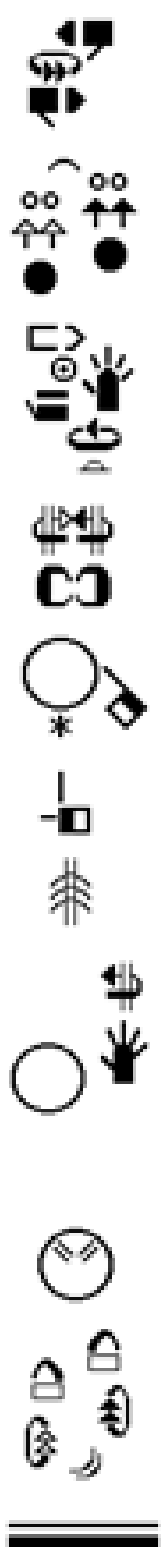
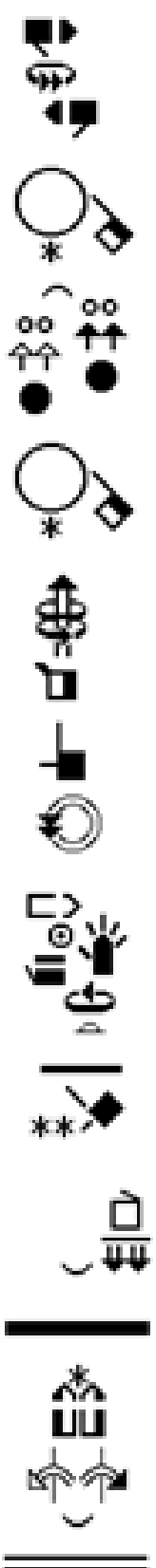
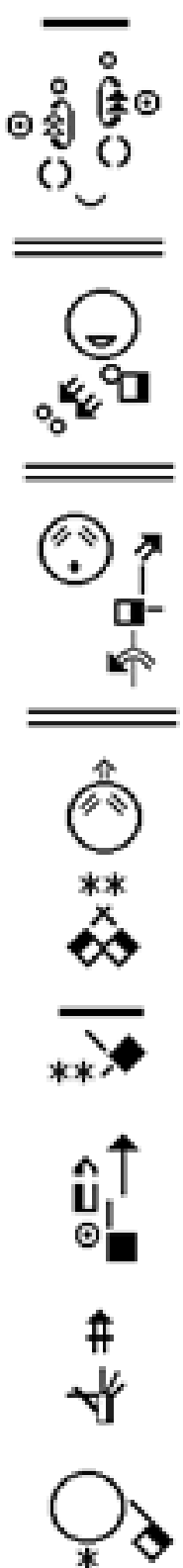
RESUMO

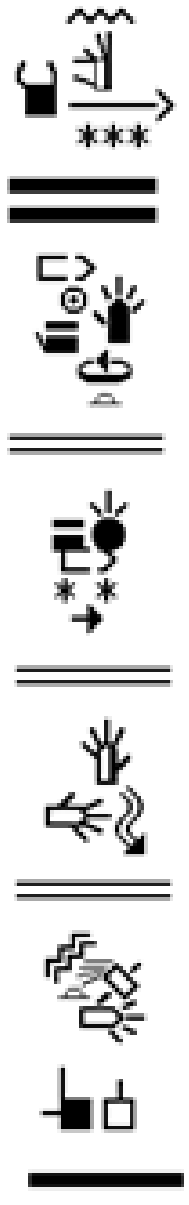
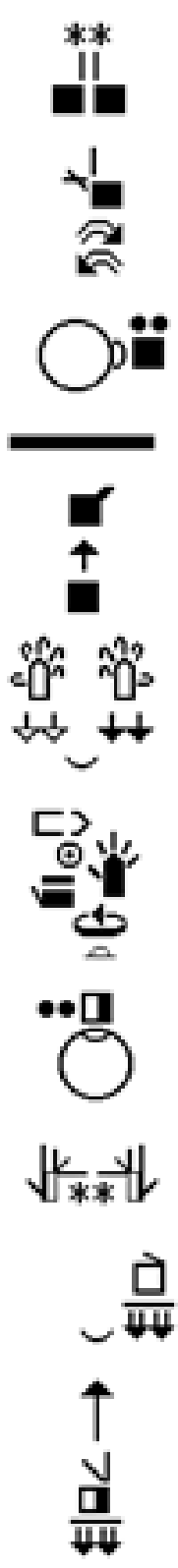
Assim como a Língua Portuguesa, a Libras não é uma língua ágrafa. Contudo, muitos usuários de línguas de sinais fazem uso da modalidade escrita da língua oral de sua região, desvalorizando sua língua natural e havendo quebra de sentido, uma vez que no processo de tradução sempre há perda de significado. Para fazer registros corretos da língua de sinais, pode-se recorrer a mídias digitais, como, por exemplo, vídeos. No entanto, há outra forma de registro pouco difundida, que são as escritas formadas por signos próprios que remetem a sinais específicos, como a Escrita de Sinais (*SignWriting*). Pensando em quanto a língua é beneficiada com sua modalidade escrita, e constatando que poucos surdos no RN conhecem a Escrita de Sinais, resolveu-se pesquisar um grupo de surdos que frequentam o CAS – Mossoró / RN com o objetivo de entender sobre sua aceitação e uso da Escrita de Sinais, sua percepção da importância da mesma e o desejo em estudá-la. A pesquisa foi qualitativa e quantitativa, e deu-se com alguns estudantes da referida instituição de ensino, sendo aplicado um teste de conhecimentos prévios e outro de percepção posterior, intercalados com duas semanas de aula sobre o tema da pesquisa. A partir das análises dos questionários e aulas, percebeu-se que todos compreenderam a importância de utilizar a modalidade escrita em sua L1 como modo de haver a perpetuação da língua através de registros fiéis de sua cultura. Ressalta-se o fato de que todos relacionaram a Escrita de Sinais a uma melhora de comunicação e aprendizado, valorizando a Língua de Sinais, e demonstrando interesse em continuar com o estudo. Infelizmente não existe uma ocasião formal em que este conteúdo possa ser transmitido para a comunidade surda, ocorrendo informalmente entre seus pares. É urgente e necessário começar a produzir materiais de literatura em seus diversos tipos textuais em Escrita de Sinais, para que assim haja material de consulta e, desta forma, uma fonte de contato e pesquisa para surdos e educadores. Apenas com o contato constante com a modalidade escrita, é possível apropriar-se dela, e apenas com essa apropriação é possível manter registros que independam de mídias tecnológicas para futuras pesquisas. Assim, entende-se que é útil e importante ensinar a Escrita de Sinais desde o princípio da escolarização do sujeito surdo, valorizando a cultura surda e, conseqüentemente, a Libras.

Palavras-chave: Escrita de Sinais; SignWriting; Libras; alfabetização em L1.









ABSTRACT

As in Portuguese Language, Libras is not a language that lacks written model. However, many sign language speakers use the written form of the oral language of their region, devaluing their natural language and having a meaningless translation, once in this process there is always a loss of meaning. To make a perfect sign language recording, one can use digital media, such as videos. However, there is another less widespread form of registration, which is the writings formed by proper symbols that refer to specific signs, such as SignWriting. Thinking about how much a language is benefited with its written modality, and noting that few deaf people in RN know the SignWriting, it was decided to research a group of deaf people who attend the CAS – Mossoró / RN in order to understand their acceptance and use of SignWriting, their perception of its importance and their desire to study it. The research was qualitative and quantitative, and happened with some students of the referred educational institution, applying a previous test and a later perception test, interspersed with a two-week-class on the subject of the research. From the analysis of the tests, it was noticed that all of the students understood the importance of using the written mode in their First Language as a way of perpetuating the language through faithful records of their culture. It is noteworthy that they all related SignWriting to improve communication and learning, appreciating the Sign Language, and showing interest in continuing the study. Unfortunately, there is no formal occasion in which this content can be transmitted to the deaf community, occurring informally among peers. It is urgent and necessary to begin producing literature materials in their various textual types in SignWriting, so that there will be consultation material and thus a source of contact and research for the deaf and for the teachers. Only with constant contact with the written modality one can take ownership of it, and it is only with this appropriation that it is possible to keep records that are independent of technological media for future research. Thus, it is understood that it is useful and important to teach the SignWriting from the beginning of the schooling of the deaf people, valuing the deaf culture and, consequently, the Libras.

Keywords: SignWriting; Libras; Literacy in First Language.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Alguns grafemas da <i>Mimographie</i>	27
Figura 2 –	Algumas Configurações de Mãos da Notação de <i>Stokoe</i>	28
Figura 3 –	Algumas Configurações de Mãos do <i>HamNoSys</i>	28
Figura 4 –	Texto escrito em <i>D'Sign</i>	29
Figura 5 –	Notação de <i>François Neve</i>	30
Figura 6 –	Texto escrito em <i>ELiS</i>	30

LISTA DE FOTOS

Foto 1 – Fachada do CAS – Mossoró / RN.....	35
Foto 2 – Alguns alunos do turno matutino do CAS – Mossoró / RN.....	37
Foto 3 – Alguns alunos do turno vespertino do CAS – Mossoró / RN.....	38
Foto 4 – Aula expositiva sobre Escrita de Sinais no CAS – Mossoró / RN.....	40

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Você conhece a Escrita de Sinais?.....	42
Gráfico 2 – Você sabe escrever usando Escrita de Sinais?.....	43
Gráfico 3 – Você acha difícil escrever em Português?.....	44
Gráfico 4 – Quando um amigo surdo escreve em Português, você entende tudo?.....	45
Gráfico 5 – Quando você escreve em Português, outras pessoas ouvintes te entendem?.....	46
Gráfico 6 – Acha que a Escrita de Sinais é importante?.....	46
Gráfico 7 – Gostaria de aprender Escrita de Sinais?.....	47

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Caracterização quanto ao sexo, faixa etária e escolaridade dos alunos do CAS Mossoró, participantes na pesquisa.....	48
Tabela 2 – Respostas do questionário posterior à explicação dos participantes na pesquisa.....	51

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAS	Centro Estadual de Capacitação de Educadores e Atendimento ao Surdo
Esp	Especialista
DLCH	Departamento de Linguagens e Ciências Humanas
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ELiS	Escrita das Línguas de Sinais
ES	Escrita de Sinais
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
Libras	Língua Brasileira de Sinais
LS	Línguas de Sinais
L1	primeira língua
L2	segunda língua
Me	Mestre
PPP	Projeto Político Pedagógico
RN	Rio Grande do Norte
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFERSA	Universidade Federal Rural do Semiárido
UMCE	<i>Universidad Metropolitana de Ciencias de la Educación</i>

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	20
2. ABORDAGEM TEÓRICA.....	23
2.1. Leitura e Escrita.....	23
2.2. Registros de Línguas Sinalizadas	25
2.3. Retrospectivas de Notações de Escritas de Línguas de Sinais	28
2.4. Escrita de Sinais (<i>SignWriting</i>).....	32
3. PERCURSO METODOLÓGICO	35
3.1. Tipo de Estudo	35
3.2. <i>Lócus</i> da Pesquisa	36
3.3. Sujeitos da Pesquisa	38
3.4. Língua Portuguesa escrita enquanto L2	39
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	43
4.1. Questionário Prévio	43
4.2. Aulas de Escrita de Sinais.....	48
4.3. Questionário Posterior.....	51
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
6. REFERÊNCIAS	57
ANEXOS	60
APÊNDICES.....	62

1. INTRODUÇÃO

A leitura e a escrita em Língua Portuguesa e nas demais línguas orais, são dois aspectos que parecem estar intimamente ligados, quando se trata da norma culta. Quanto mais afinidade o sujeito apresenta com o mundo das letras, mais terá preocupações em cumprir com as normas semânticas e gramaticais da língua falada. Esta é uma regra que se aplica a qualquer idioma oral, seja ele Português, Inglês, Espanhol ou Alemão. No entanto, ficam os questionamentos quanto às línguas sinalizadas.

Sabe-se que muitos usuários de línguas sinalizadas fazem uso exclusivamente da modalidade escrita da língua oral de sua região, o que não só traz uma desvalorização quanto à sua língua natural, como também ocorre uma quebra de sentido em relação ao que, de fato, o sujeito gostaria que fosse transmitido, uma vez que no processo de tradução ou interpretação sempre há alguma perda de significado.

Contudo, sabe-se que não há necessidade de recorrer à escrita da língua oral de um povo para fazer registros de sua língua sinalizada. Hoje em dia é bastante comum fazer uso de mídias digitais para isto, como, por exemplo, gravar vídeos ou registrar uma série de fotografias com a sinalização desejada. No entanto, há, também, uma outra forma de registro de línguas sinalizadas bastante prática e eficaz, porém pouco difundida, que são as escritas esquemáticas das línguas visuais-espaciais, formadas por conjuntos de desenhos ou signos próprios que remetem a sinais específicos, e, dentre elas, destaco a Escrita de Sinais – ES (*SignWriting*®) criada em 1974 por Valerie Sutton, e que, por suas características próprias, pode ser utilizada em qualquer língua sinalizada que exista.

Pensando em quanto a língua sinalizada é beneficiada com sua modalidade escrita, e ao mesmo tempo constatando que poucos surdos e/ou deficientes auditivos no estado do Rio Grande do Norte (RN) fazem uso ou conhecem a Escrita de Sinais, resolveu-se pesquisar sobre a valorização e a percepção da importância desta para o aprendizado efetivo da língua sinalizada, bem como sobre sua influência para a aquisição de vocabulário e libertação do empréstimo linguístico de línguas orais existentes.

No Brasil, a Libras tornou-se uma língua reconhecida a partir de 24 de abril de 2002 com a publicação da Lei n.º 10.436, que dispõe sobre suas particularidades e registra, em seu Artigo Primeiro que: “É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira

de Sinais – Libras e outros recursos de expressão a ela associados” (BRASIL, 2002). A Escrita de Sinais trata-se, justamente, de um destes recursos de expressão associado à Libras, uma vez que tem a capacidade de registrar, em todas as suas particularidades, a forma escrita desta língua. Ainda tratando da mesma Lei, no Artigo Quarto, lê-se:

O sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais – Libras, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs, conforme legislação vigente.

Parágrafo único. A Língua Brasileira de Sinais – Libras não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa.

Com isto, percebe-se que há a preocupação com o ensino e disseminação de Libras, contudo há também a observação de que esta língua não deve ser a única na qual a comunidade surda deve ter proficiência, havendo necessariamente a imersão do surdo na Língua Portuguesa escrita. No entanto, algumas pesquisas apontam que, para se aprender um novo idioma, é sistemático e mais fácil que a pessoa já tenha fluência em sua língua mãe (QUADROS, 2000; CAPOVILLA & RAPHAEL, 2001; DALLAN & MASCIA, 2012), ou seja, para um surdo escrever bem em Língua Portuguesa, saber escrever em sinais é um grande facilitador.

A Escrita de Sinais pode ser um meio efetivo e eficaz para aprender a língua sinalizada tanto para surdos (L1) quanto para ouvintes (L2), uma vez que ela consegue descrever com riqueza de detalhes, não só a configuração das mãos, como também todos os demais parâmetros necessários para a sinalização: ponto de articulação, movimento, direcionalidade e expressões não-manuais (facial / corporal).

Como aliado no processo de difusão da Libras como L1 e L2 o RN conta, entre outras instituições, com o Centro Estadual de Capacitação de Educadores e Atendimento ao Surdo – CAS, de Mossoró – RN. Trata-se de uma instituição de ensino que atende os sujeitos surdos, seus familiares e educadores na Região Oeste Potiguar, sendo um centro de referência educativa que tem como objetivo auxiliar todas as pessoas surdas e/ou deficientes auditivas em seu desenvolvimento educacional e social, promovendo apoio relacionado aos aspectos escolares além de aulas especiais, palestras, oficinas, eventos e auxílios diversos relacionados à Libras, para quem dele necessite.

Desta forma, pretendeu-se investigar um grupo heterogêneo de sujeitos surdos que frequentam o CAS de Mossoró, afim de verificar sua aceitação e uso da Escrita de Sinais, suas ideias gerais sobre a importância da mesma, e se há o desejo de estudá-la, ou não. Para tanto,

traçou-se um perfil dos surdos lá atendidos e, através de aulas ministradas na referida instituição de ensino, estimulou-se a aprendizagem da Escrita de Sinais como uma forma de auxiliá-los a registrar seus pensamentos e emoções, além de garantir que, ao fazerem uso da modalidade escrita da comunicação, seus anseios e pensamentos sejam, realmente, transmitidos para quem os vai ler sem que haja confusão de sentido.

Por tudo isto, vê-se que é interessante divulgar e ensinar a Escrita de Sinais nas comunidades surdas, de modo que seus usuários possam ter uma maior independência e valoração linguísticas. Usar a Libras na modalidade escrita, é declarar e comprovar que se trata de uma língua própria, com todas as nuances e regras que se tem direito.

Em contrapartida, a escrita da língua oral não tem capacidade de registrar, com veracidade, a emoção e a sutileza dos movimentos de uma língua sinalizada. É comum para as pessoas ouvintes que estão aprendendo línguas sinalizadas, descrever os sinais explicando de que maneira se encontram as mãos, ou para onde elas devem ir. Isto é algo “rústico”, pois não se consegue mostrar eficazmente como ocorrem os movimentos e as expressões faciais e corporais; além do que, muitas vezes, a própria pessoa que faz o registro descritivo pode, posteriormente, não conseguir reproduzi-lo novamente por não compreender as anotações feitas. Nestes termos, a Escrita de Sinais vem para facilitar, também, o aprendizado de línguas sinalizadas a surdos e ouvintes, por ser fiel à todos os parâmetros da língua, conseguindo transmitir, inclusive, a emoção de quem a escreve.

Então, pensando nesta valoração da Libras, e também na capacidade de seus usuários poderem registrar com fidelidade o que se quer dizer, iniciou-se esta pesquisa, para que a Escrita de Sinais seja difundida e utilizada cada vez mais.

2. ABORDAGEM TEÓRICA

2.1. Leitura e Escrita

Ler e escrever são duas modalidades linguísticas vistas com um certo *status* social. Quem não sabe ler e escrever, sofre discriminação em detrimento a pessoas letradas, especialmente em função do preconceito linguístico, pois pode indicar que elas tiveram oportunidades de estudo em um nível abaixo do desejado.

É bem verdade que quem tem acesso à leitura experimenta condições culturais distintas daqueles que são analfabetos ou iletrados. A leitura possui diversas finalidades: educativas, sociais, informativas, lúdicas... Então, através do mundo das letras é possível transformar vidas!

Mas, o que dizer de línguas que não apresentam a modalidade escrita?! Nem toda língua, seja ela oral ou sinalizada, possui sua modalidade escrita registrada. Algumas línguas indígenas, por exemplo, estão sofrendo, inclusive, perigo de desaparecerem devido ao fato de existirem poucos falantes das mesmas, e nenhuma forma de registro que possa garantir sua continuidade através das gerações (SANTOMAURO, 2009; PEIXOTO, 2016). Há vários dialetos e variantes em todo o mundo que estão passando pelo mesmo processo, e desta forma buscam-se maneiras de registrar suas particularidades de alguma forma, enquanto há tempo de salvá-las da extinção.

Existem muitas controvérsias quanto ao período e local de surgimento da escrita, no entanto é fácil assumir e admitir que esta faz uma grande diferença quanto à comunicação da humanidade. A escrita surgiu como forma de perpetuar o que se sabia a partir do que era dito em um momento, transformando sons e acontecimentos em imagens gráficas para consulta posterior. Graças a registros escritos, temos algumas informações acerca do modo de vida de nossos ancestrais que viviam em cavernas, bem como dos povos egípcios e fenícios antigos, dentre outros. É como bem afirma Barreto & Barreto (2015, p. 54): “pela escrita podemos nos comunicar em tempos e lugares diferentes”. Isto porque a fala, efêmera, seja ela oral ou sinalizada, se dissipa a partir do momento em que o interlocutor a executa, ao passo que a escrita permanece como fonte de pesquisa e lembranças. “A escrita se sobrepõe à fala, pois ela eterniza a fala com todos os seus significados” (WANDERLEY, 2012, p. 44).

A escrita possibilita desde a criação de documentos importantes, como as históricas cartas de navegação do descobrimento do Brasil, ou a Constituição Federal, até momentos de conversas

e memórias pessoais, quando registramos uma data no verso de alguma fotografia, ou fazemos anotações para compras em supermercado. Pode possibilitar o prazeroso hábito da leitura literária, a compreensão de uma bula de remédio, ou a cumplicidade íntima de um diário de adolescente. Seja de qual maneira for, ler pode ser considerado um ato social, educacional, político e lúdico. E, ainda assim, a escrita e a leitura não são ações que surgem espontaneamente em um povo, sendo necessário estudar para aprender.

A escrita é uma das ferramentas mais básicas e fundamentais da humanidade. No entanto, não é uma habilidade natural, precisa ser lentamente apreendida integrando as suas dimensões gráfica e ortográfica, a partir de inúmeros aspectos conceituais e operacionais, tais como linguísticos, cognitivos e fisiológicos (FETTER, CATTANI & LIMA, 2018, p. 37-38).

Nas escolas de educação tradicional, ainda é possível perceber o uso dos cadernos de caligrafia, onde aprende-se a escrever pelo método de repetição e cópia do que está escrito, e também nas escolas de educação construtivista ensina-se a escrever através da letra tipográfica padrão. “Ler e escrever é muito mais que o domínio do código e é fundamental ao professor alfabetizador entender o que está por trás dos métodos” (SARAIVA & CARVALHO, 2018, p. 4). Seja qual for o método utilizado, o que antes era um privilégio de poucos intelectuais do sexo masculino e tez branca da classe alta, hoje está cada vez mais difundido na sociedade como um todo. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2018), no ano de 2017 o índice de analfabetos acima de 15 anos de idade, no Brasil, estava em 7%, o que já é acima da média esperada depois que tiveram início os programas de incentivo à alfabetização do Governo Federal no ano de 2003. A quantidade de pessoas que não sabem ler e/ou escrever está reduzindo a cada ano, e isto mostra o compromisso da nação não apenas com a educação, como também com a condição social do cidadão.

Contudo, alfabetizar, simplesmente, não garante que as pessoas tornem-se leitoras assíduas ou recorrentes. Para além de alfabetizar, existe o conceito de letramento, que se trata do reconhecimento do que foi aprendido durante o processo anterior, para aplicá-lo no contexto social, e é de suma importância para a compreensão do texto. Por não se tratarem do foco da pesquisa, não me cabe, neste momento, fazer um detalhamento explicativo sobre a diferença entre alfabetização e letramento, contudo enfatizo que tratam-se de conceitos importantes na construção de leitores e escritores, não sendo um processo superior ao outro, e sim etapas igualmente importantes na decodificação da escrita, e que manifestam no professor um de seus principais aportes. Conforme afirma Saraiva & Carvalho (2018, p. 3):

É válido ressaltar que os professores são referências para seus alunos e a preparação desses estudantes para a leitura é muito importante, resgatando e considerando o conhecimento prévio existente, explorando diferentes suportes textuais com significados, propiciando um caminho que leve ao conhecimento por meio da investigação e levantamento de hipóteses. Conhecer a natureza do texto favorece e facilita sua interpretação.

O que nos mostra que o professor é uma peça fundamental neste processo de aquisição de linguagem escrita e, desta forma, deve-se valorizar e investir no profissional que ensina as maravilhas da leitura, seja nas séries iniciais da Educação Infantil, ou na Educação de Jovens e Adultos – EJA, que não tiveram a oportunidade de aprender no período adequado.

2.2. Registros de Línguas Sinalizadas

Assim como a Língua Portuguesa, a Libras não é uma língua ágrafa. É certo que, por mais de um século, as línguas de sinais em todo o mundo foram proibidas de se manifestar e, por conseguinte, não puderam ter seus registros escritos, contudo, elas sobreviveram ao tempo e a todas as dificuldades pelas quais passaram, e ressurgiram com força, mostrando que são o meio natural de comunicação das pessoas surdas, e que possuem, sim, uma forte estrutura gramatical e semântica.

A língua de sinais constitui o elemento identificatório dos surdos, e o fato de constituir-se em comunidade significa que compartilham e conhecem os usos e normas de uso da mesma língua, já que interagem cotidianamente em um processo comunicativo eficaz e eficiente. Isto é, desenvolveram as competências linguísticas e comunicativa - e cognitiva - por meio do uso da língua de sinais própria de cada comunidade de surdos (SKLIAR, 1998, p. 141).

Para as línguas sinalizadas, durante muito tempo a ausência de uma modalidade escrita foi um problema que poderia ter levado à extinção das mesmas, uma vez que com a proibição de sua utilização no Congresso de Milão em 1880 elas passaram a ser usadas de maneira furtiva, sem a garantia de que as gerações aprendessem a comunicarem-se por sinais, perpetuando a língua. Problema este que venceu barreiras do tempo e da intolerância cultural, fazendo com que se modificassem, porém não se extinguissem, uma vez que línguas sinalizadas são as línguas naturais das pessoas surdas! E com isso, em todas as nações, as pessoas surdas conseguem maneiras diversas de registrar seus diálogos, atos, poemas e histórias, principalmente, por meio digital, através de vídeos amadores ou profissionais. Infelizmente, devido à inadequação da metodologia de ensino e da ausência de profissionais capacitados:

A grande maioria das pessoas surdas, após completar sua vida escolar, não sabe utilizar a língua escrita em toda a amplitude de suas possibilidades: como meio de comunicação, para a reflexão e enriquecimento do pensamento, como fonte de prazer. O problema se apresenta em todo o mundo. Nos Estados Unidos, o nível médio de proficiência em leitura, ao qual chegam os surdos, ao sair da escola, não lhes permite ler o jornal. Na maioria dos outros países a situação é a mesma, ou pior, inclusive no Brasil. (STUMPF, 2005, p. 27).

O ensino da língua (escrita) para surdos não deveria estar desvinculado do uso da linguagem. Os exercícios de linguagem (gramática, textos, formação de frases) poderiam constituir-se em um momento de produção e significação, tornando o sujeito imbuído do fenômeno social da interação. (SILVA, 2001, p. 39).

Em partes, isto pode ser devido ao fato de que os profissionais de educação não são ensinados – ou treinados – a trabalhar com pessoas com diferenças educacionais, e assim nas escolas regulares não existem profissionais que tenham a propriedade de ensinar uma pessoa, cuja L1 trata-se de uma língua visual-espacial, a ensinar uma L2 oral, de maneira escrita, fluente. Não faço uma crítica aos profissionais envolvidos neste processo, mas sim na formação dos mesmos, pois uma vez que os surdos precisam estudar em escolas regulares, os professores deveriam passar por uma capacitação a ensiná-los apropriadamente, para que pudessem ser melhores leitores.

Mas, e quando os surdos não conseguem escrever na L2 e tão pouco existe a possibilidade de vídeos ou outros meios tecnológicos para o registro da língua? Estas ficam restritas e à mercê do desaparecimento?

A invenção do sistema de escrita alfabético foi devida à percepção de que a escrita pode ser organizada mais eficientemente representando cada som da língua por um sinal específico. Esse tipo de organização reduz muitos os sinais necessários, pois em uma língua os sons em geral somam menos de quarenta (STUMPF, 2005, p. 35).

Para línguas de sinais, também existem modalidades escritas pouco conhecidas pela comunidade em geral. Tratam-se de sistemas de signos que transmitem com perfeição a mensagem que se deseja escrever, pois eles refletem não só a configuração das mãos do sinalizante, como também o ponto de articulação, o movimento, a direcionalidade e as expressões não-manuais (faciais e corporais). São sistemas de escrita que conseguem transmitir com fidelidade o que se quer passar, seguindo regras gramaticais próprias, independentes das línguas orais, com pontuação e sinalização, e que tanto podem transmitir a emoção de uma história de amor, quanto a decepção de uma realidade política na nação.

Por todas estas razões, acredita-se fielmente que seja importante para um povo que ele tenha seu próprio sistema de escrita. Isto possibilita a continuidade de parte de sua cultura, com

registros fieis de suas tradições, costumes, literatura. Poder escrever e ler em sua própria língua é algo incomparável no tocante às sensações que o hábito da leitura nos remete. “As crianças surdas que se comunicam por sinais também precisam representar pela escrita a língua própria delas que é viso-espacial” (STUMPF, 2001, p. 380).

Muitas pessoas surdas fazem uso exclusivo da modalidade escrita da língua majoritária onde vivem. No Brasil, por exemplo, a maioria dos surdos faz uso do Português escrito; nos Estados Unidos os surdos utilizam o Inglês escrito; no Chile as pessoas surdas escrevem em Espanhol. Mas isto ocorre por necessidade em comunicar-se com o mundo majoritário que os cerca, não por ser algo natural ou que faça parte da cultura surda. Uma língua oral na modalidade escrita, demonstra apenas sua forma linear; não é possível registrar nela os movimentos, direção, e toda a emoção sentida por quem está sinalizando. Isto faz com que os sinais, que são transformados em palavras de línguas orais escritas, não contenham todas as reais informações que a pessoa gostaria de passar, e isso faz com que haja uma perda de sentido no processo de tradução.

Quando se fala em aprender a ler e escrever, ou seja, alfabetizar, decodificar o que está escrito, Nobre (2011) preocupa-se quanto ao fato de que os surdos não irão aprender a escrever a língua oral de sua localidade sem que haja uma conexão lógica. É preciso entender o processo de escrita, para que haja sentido no que se está lendo, e por isso a importância de um sistema de signos que sejam lógicos e sigam o mesmo sistema linguístico utilizado na sinalização: “A alfabetização se dá num processo interativo com a língua escrita onde as crianças constroem o aprendizado testando suas hipóteses através da relação fala/escrita” (NOBRE, 2011).

O sistema de escrita de sinais é uma porta que se abre no processo de alfabetização de crianças surdas que dominam a língua de sinais utilizada no país. Esse sistema envolve a composição das unidades mínimas de significado da língua compondo estruturas em forma de texto. (QUADROS, 2000, p. 57)

Com a sinalização na modalidade escrita, temos a possibilidade de uma escrita tridimensional, onde são retratados além da configuração das mãos, os pontos de articulação, movimentos, direcionalidade e expressões. Desta forma, a mensagem é transmitida em seu sentido amplo e correto, sem que surjam interpretações errôneas como as que acontecem quando se utilizam a escrita da língua oral ou as glosas, igualmente muito usadas.

O termo “glosa” é uma nomeação errônea para a operação de etiquetagem que ocorre nas pesquisas das LS [Línguas de Sinais]. De fato, glosas são apropriadamente usadas para auxiliar a anotação de dados de línguas orais/escritas, não para substituir, mas para acompanhar, numa referência a uma língua conhecida para o autor e para o leitor de um

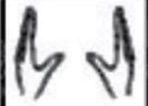
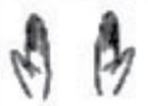
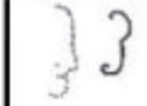
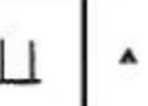
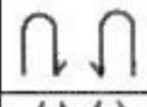
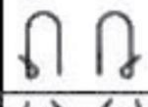
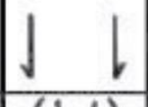
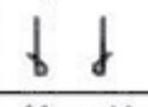
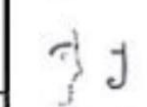
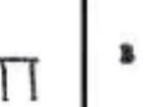
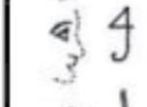
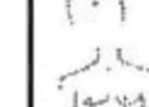
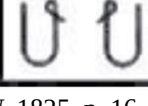
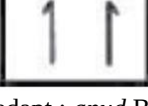
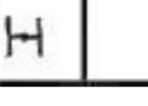
dado estudo, uma representação independente dos dados da língua investigada. (PIZZUTO, ROSSINI & RUSSO, 2006, p. 4)

Glosas são sistemas de notações de palavras que tentam transmitir os sinais passo-a-passo, contudo, por serem palavras soltas, sem os termos conectivos que a Língua Portuguesa exige, torna-se algo sem sentido, quando utilizado em substituição à Escrita de Sinais.

2.3. Retrospectivas de Notações de Escritas de Línguas de Sinais

As escritas de línguas sinalizadas, com a preocupação de registrar a língua para manter fonte de pesquisa futura, datam de um período que antecedeu o conhecido Congresso de Milão (1880), que tentou banir as línguas de sinais, e assim o fez durante várias décadas. Em 1822, o educador francês *Roch Ambroise Auguste Bébien*, publicou sua importante e notável obra: *Mimographie* (Figura 1), que tentava transcrever a Língua de Sinais Francesa. *Bébien* defendia que a escrita era de suma importância para a perpetuação do ensino da língua sinalizada, e, mesmo antes de serem oficialmente descritos, já citava como importantes o uso dos cinco parâmetros reconhecidos das línguas de sinais (BARRETO & BARRETO, 2015).

Figura 1 – Alguns grafemas da *Mimographie*.

Caractères de la Main.				Caractères des diverses parties de la Tête et du Corps.		Points Physiologiques
1	2	3	4	5	6	7
						
						
						
						

Fonte: BÉBIAN, 1825, p. 16, adapt.; apud BARRETO & BARRETO, 2015, p. 63.

Quase um século após o Congresso de Milão, em 1960, o reconhecido linguista e pesquisador norte-americano *William Stokoe* publicou seu sistema da escrita da língua sinalizada, denominado Notação de *Stokoe* (Figura 2), com a finalidade de disseminar a escrita de sinais

americanos por todos os cantos. Ele fez um notável trabalho e foi o primeiro estudioso a, oficialmente, descrever três dos parâmetros das línguas sinalizadas: Configuração de Mãos, Localização e Movimento (BARRETO & BARRETO, 2015).

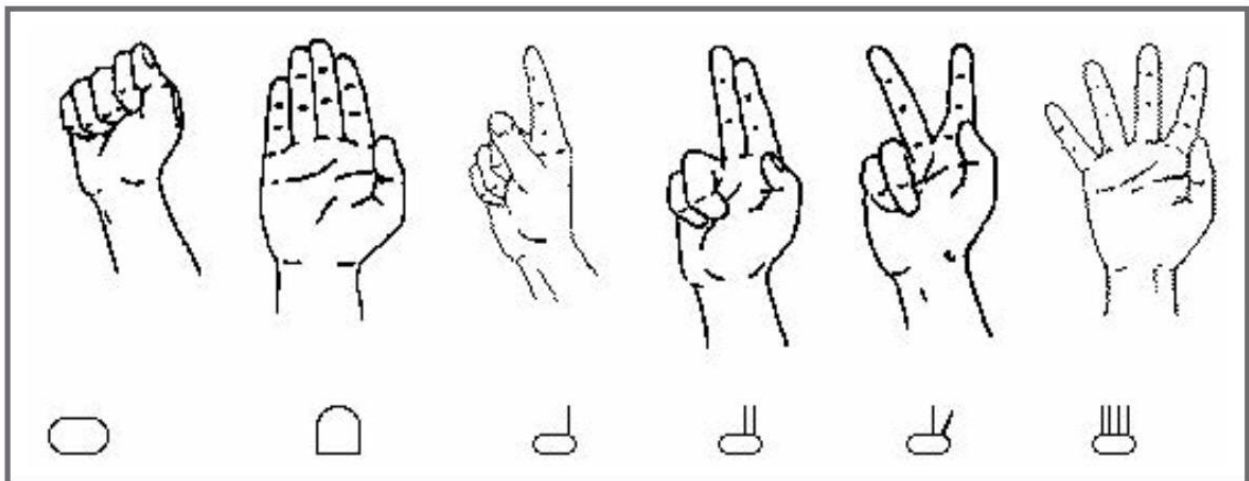
Figura 2 – Algumas Configurações de Mãos da Notação de *Stokoe*.

	A	Punho fechado		I	Como 'I'
	A [•]	Punho fechado, polegar estendido		K	Como 'K'
	B	Mão plana		3	Como '3'
	B ^{•••}	Como "B" mas dedos curvos		R	Como 'R'
	5	Dedos estendidos como '5'		V	Como 'V'

Fonte: STUMPF, 2005, p. 48, adapt.; *apud* BARRETO & BARRETO, 2015, p. 64.

Em 1984, temos definido o chamado sistema *HamNoSys* (Figura 3), que não foi propriamente uma escrita de língua sinalizada, mas sim um sistema para uso dos linguistas a fim de facilitar o estudo de tais línguas. Foi definido na Alemanha, baseado na Notação de *Stokoe*, e compunha os parâmetros: Configuração de Mãos, Orientação de Mãos, Locações, Ações e Componentes Não-Manuais. Este sistema foi e continua sendo usado, unicamente, por estudiosos que pretendem registrar anotações (BARRETO & BARRETO, 2015).

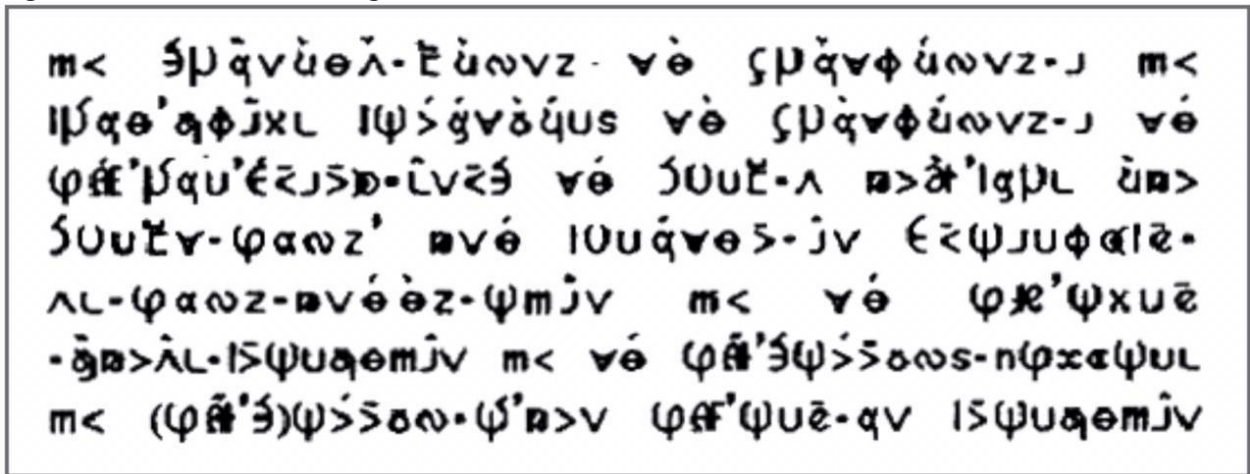
Figura 3 – Algumas Configurações de Mãos do *HamNoSys*.



Fonte: HANKE, 2009, p. 1, adapt.; *apud* BARRETO & BARRETO, 2015, p. 65.

Em meados da década de 1990, o pesquisador francês *Paul Jouison*, com a ideia de ampliar a Notação de *Stokoe*, que até então servia de base para todos os demais sistemas, criou o *D'Sign* (Figura 4) pensando em quanto ele seria eficiente no ensino dos surdos, no entanto ele faleceu antes de ter a oportunidade de experimentar seu método, e assim suas anotações ficaram esquecidas durante certo tempo. Posteriormente, seu trabalho foi resgatado pela Dra. *Brigitte Garcia*, que apresentou o *D'Sign*, enaltecendo-o como um excelente e complexo sistema de transcrição de sinais, que se adequaria perfeitamente à Língua Francesa de Sinais (BARRETO & BARRETO, 2015).

Figura 4 – Texto escrito em *D'Sign*.



Fonte: STUMPF, 2005, p. 51, adapt., *apud* BARRETO & BARRETO, 2015, p. 65.

Mais uma vez com base na Notação de *Stokoe*, em 1996 surgiu um novo sistema denominado Notação de *François Neve* (Figura 5), criado pelo pesquisador belgo de mesmo nome. A diferença neste sistema em relação aos demais é o fato de que a escrita passou a ser vertical, e não mais horizontal seguindo um sistema linear (BARRETO & BARRETO, 2015).

A escrita em um sistema vertical possibilita uma melhor adequação do leitor à realidade visuo-espacial das línguas sinalizadas, uma vez que não estão mais presas à uma organização obrigatória linear, e assim, torna-se mais adequado a escrita dos movimentos que assumem diferentes pontos de articulação.

Figura 5 – Notação de François Neve.

1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 20				Como em datilologia
A - B - C - D - E - F - G - I - L - M - N - O				
P - Q - R - S - T - U - V - W - X - Y - Z				
	Bico de pardal		Asas de águia	
	Cabeça de elefante		Garra de urso	
	Pinça		Colher	
	Chave		Piano	

Fonte: STUMPF, 2005, p. 49, adapt., apud BARRETO & BARRETO, 2015, p. 66.

Pesquisadores brasileiros também tiveram sua importante contribuição quanto a um sistema de grafia das línguas sinalizadas. Em 1997 a professora e linguista goiana Dra. Mariângela Estelita Barros criou o Sistema de Escrita das Línguas de Sinais – ELiS (Figura 6), com sua escrita seguindo a linearidade típica anterior baseada na Notação de *Stokoe*, no entanto contendo cinco parâmetros definidos das línguas de sinais: Configuração de Dedos, Orientação da Palma, Ponto de Articulação, Movimento, além de um especial: Orientação das Pontas dos Dedos (BARRETO & BARRETO, 2015).

Figura 6 – Texto escrito em ELiS.

//<7 ^u *Φ↓		∖∧ ^u λ ⁱ	-∣vΦ→	-∣.vΦT ⁱ	∖∧ ^u *ω ^u τ ⁱ →	//-...∣πΦ0
.∥.v ^u -∣v^Δμτ ⁱ -		.∥.vΩ⊥	//<∣π ^u τ ⁱ	<7vΦτ ⁱ	//.∣.v ^u »←→	-∣.v ^u ωθ~Ω ⁱ
//-∣π ^u τ ⁱ τ ⁱ τ ⁱ =		//-∣ ^u μμT⊥	∖∧ ^u *ω ^u τ ⁱ →	//.τ ⁱ) ^u →-		
						∣∧ ...∣.∥.

Fonte: BARROS, 2008, p. 119, apud BARRETO & BARRETO, 2015, p. 66, adapt.

2.4. Escrita de Sinais (*SignWriting*)

Como já visto, existem alguns sistemas de escrita de línguas sinalizadas a nível mundial contudo, a maioria deles são confusos por se adequarem mais a uma realidade oralista (linearidade) do que a uma realidade visual-espacial, com representação tridimensional dos sinais. Com isto, boa parte destes sistemas são utilizados apenas por pesquisadores, sem o comprometimento de uma difusão entre os reais usuários das Línguas de Sinais.

No entanto, um sistema que é bastante utilizado tanto no Brasil quanto em outros países, é o que se chama, realmente, Escrita de Sinais ou *SignWriting*. Na década de 1970, a dançarina estadunidense Valerie Sutton criou esta notação que, por ter a condição de se apresentar tridimensionalmente, além de marcar movimentos e intensidades, é capaz de registrar com fidelidade o que se está falando através das mãos. Desta maneira, as línguas sinalizadas ganharam um sistema de escrita eficiente e eficaz, com sua grafia icônica, intuitiva e escrita na vertical, o que facilita a visualização do espaço.

Percebe-se que o sistema *SignWriting*, no Brasil e no mundo, é o que mais tem sido utilizado para o uso diário das comunidades surdas, seus familiares e dos profissionais que trabalham com surdos, além de ser utilizado em pesquisas também como objeto de estudos acadêmicos. (BARRETO & BARRETO, 2015)

A Escrita de Sinais favorece o registro de textos sinalizados, garantindo sua veracidade, o que evita falhas na compreensão quando os textos são traduzidos e/ou adaptados para as línguas orais. Trata-se da escrita esquemática de todos os parâmetros das línguas sinalizadas, incluindo partes do corpo como mãos, braços, ombros, quadril, cabeça e pescoço, o que possibilita uma escrita com os sinais apresentados no ponto de articulação correto, evitando confusões.

O sistema *Sign Writing*® é um sistema para representar línguas de sinais de um modo gráfico esquemático que funciona como um sistema de escrita alfabético, em que as unidades gráficas representam unidades gestuais fundamentais, suas propriedades e relações. É um sistema notacional de características gráficas e esquemáticas, constituído de um rico repertório de elementos de representação das principais características gestuais das línguas de sinais. (STUMPF, 2001 p. 376)

Na Libras, desenvolve muito bem a compreensão da configuração das mãos, ponto de articulação, movimentos, direcionalidade, expressão facial e corporal (não-manuais). Assim, o ensino da Escrita de Sinais favorece tanto a alfabetização em Libras, uma vez que os usuários vão aprender a decodificar os sinais, quanto o letramento, possibilitando a compreensão total do texto dentro de uma perspectiva de Educação Bilingue e Bicultural (DALLAN & MASCIA, 2012).

Com a criação da escrita de sinais, surge a possibilidade de escrever a língua de sinais e assim, permitir à comunidade surda a experiência de registrar sua língua e fazer, deste registro, um componente da elaboração cultural dessa comunidade. (BARBOSA, NEVES & BARBOSA, 2013, p, 129)

Segundo Capovilla & Raphael (2001, p. 55), “quando as convenções ortográficas de uma língua já estão consolidadas, o trabalho de leitura e escrita é imensamente facilitado e as ambiguidades são reduzidas”. Assim, torna-se mais favorável aprender uma língua nova quando existem registros escritos na mesma. O aprendizado da modalidade escrita de uma língua é importante não só para esta em si, como também facilita o aprendizado de uma segunda língua, uma vez que consegue estruturar e organizar mentalmente suas particularidades, favorecendo material para consulta posterior. Assim sendo, os surdos brasileiros que são letrados em Libras têm mais facilidade para aprender o Português escrito. De acordo com Dallan & Mascia (2012, p. 33): “Em uma abordagem bilingue/bicultural, o reforço das competências linguísticas na primeira língua, no caso, em sinais, favorece o aprendizado da segunda língua”.

A primeira pesquisa que visou ao ensino e à verificação de aprendizagem da Escrita de Sinais foi realizada por Janice Gangel-Vasquez (GANGEL-VASQUEZ, 1997), na Escuelita de Bluefields, através da escrita da Língua de Sinais Nicaraguense. Sua dissertação demonstra que mesmo aqueles alunos que estavam aprendendo sinais pela primeira vez, conseguiram dominar com facilidade os sinais escritos, o que promoveu a ampliação do léxico em sinais. A autora também concluiu que as evidências sugerem que a realização da “alfabetização em língua de sinais” pode facilitar a aprendizagem da língua oral. (DALLAN & MASCIA, 2012, p. 32)

Isto ocorre porque o leitor já possui, em sua mente, uma estrutura organizacional para sua L1 baseada em seguimentos lógicos, onde o escrito icônico e o sinalizado já formam um só sentido, e com isto as conexões necessárias para organizar a estrutura semântica e gramatical de uma L2 não precisam passar por todo o processo de aquisição de língua escrita, uma vez que esta organização já existe.

Conforme explica Sutton (1995), existem dois tipos de perspectiva de escrita: a receptiva, quando você vê outra pessoa sinalizando, e a expressiva, quando você se vê sinalizando. A Escrita de Sinais acontece em uma perspectiva expressiva, ou seja, perspectiva do ponto de vista do sinalizador, que permite que a pessoa a ler o texto consiga visualizá-lo como se o estivesse escrevendo, o que torna mais fácil a decodificação dos sinais. Além disso, a ordenação na vertical dos grafemas permite ao leitor situar-se melhor espacialmente, sem os limites lineares impostos por uma grafia de línguas orais. Cada grafema é posicionado de acordo com a estrutura do corpo humano, o que também facilita a compreensão do que está escrito, e há, ainda, os grafemas de

pontuação gramatical, que apresentam as mesmas funções das pontuações em línguas orais. Como se tudo isso não já bastasse para ser uma escrita ideal para línguas de sinais, os grafemas ainda são estruturas icônicas, que assemelham-se à região do corpo que se pretende sinalizar, dando uma boa compreensão da escrita para quem está lendo.

A maior vantagem do nosso sistema é que transferimos diretamente aquilo que o aluno está sinalizando para a escrita. Para poder construir o sinal por escrito antes precisamos concordar em como o sinal é usado. Depois que o sinal está escrito, ele fica fixo, da mesma forma que uma palavra em português é registrada na forma. (STUMPF, 2001, p. 379)

Vale salientar que a Escrita de Sinais não se trata de uma escrita ideográfica, como os caracteres chineses e japoneses, onde um único símbolo gráfico representa um objeto, uma ideia ou uma palavra, mas “registra cada uma das partes do sinal que são relevantes linguisticamente. Nenhum sinal é estático. Novos sinais podem ser escritos a qualquer momento” (BARRETO & BARRETO, 2015, p. 78).

3. PERCURSO METODOLÓGICO

3.1. Tipo de Estudo

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa exploratória, uma vez que busca uma maior familiaridade com a questão do interesse e conhecimento da Escrita de Sinais por parte dos estudantes surdos que frequentam o CAS – Mossoró. Como bem explica Gil (2008): “pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou descoberta de intuições”, que é justamente o que se pretende com este estudo.

Sua abordagem é do tipo pesquisa-ação, que não costuma ser muito bem vista pelos pesquisadores mais tradicionais.

Em virtude de exigir o envolvimento ativo do pesquisador e a ação por parte das pessoas ou grupos envolvidos no problema, a pesquisa-ação tende a ser vista em certos meios como desprovida da objetividade que deve caracterizar os procedimentos científicos.

A despeito, porém, dessas críticas, vem sendo reconhecida como muito útil, sobretudo por pesquisadores identificados por ideologias “reformistas” e “participativas”. (GIL, 2008)

No entanto, pelo caráter do delineamento desta pesquisa, e pelas ações que se propuseram ser feitas, vemos esta abordagem como a mais pertinente. O objeto de estudo (Escrita de Sinais) refere-se a uma circunstância que pode alterar por completo a visão e a percepção do surdo acerca de sua cultura, identidade e valoração da língua, pois uma vez que se adquire conhecimento, este jamais retornará a seu estado inicial.

A pesquisa-ação pressupõe uma forma de ação planejada, de caráter social e educacional, e a estratégia utilizada foi multimetodológica com a análise da percepção do sujeito surdo quanto à Escrita de Sinais e seus anseios para com esta. Buscou-se entender o que, exatamente, os sujeitos surdos pensam e sentem quanto à temática, sem a possibilidade de prever o que diriam ao final das explicações.

As ações realizadas neste trabalho, também guiou-se pelo que sugere Gil (2008). Primeiro, houve a fase exploratória, em que houve o contato direto da pesquisadora com os sujeitos da pesquisa. No contato inicial, houve o anúncio do que seria feito, criando uma expectativa em ambas as partes.

Seguindo todas as etapas de uma pesquisa científica, seguimos com a formulação do problema e a construção de hipóteses, supondo que os alunos iriam gostar e se empenhar com a

Escrita de Sinais. Então, foi solicitado aos alunos que participassem da pesquisa. Dos 102 alunos que frequentam o CAS – Mossoró, 20 aceitaram participar ativamente da pesquisa, concordando em serem fotografados e também que os resultados fossem divulgados após o término da pesquisa.

Após a realização das aulas e pesquisas objetiva e discursiva com questões relevantes sobre o tema, os resultados foram tabelados e serão expostos ao longo deste trabalho.

3.2. *Lócus da Pesquisa*

O estudo deu-se no Centro Estadual de Capacitação de Educadores e Atendimento ao Surdo – CAS, de Mossoró, RN (Foto 1). Trata-se de uma instituição que atende educadores que trabalhem com alunos surdos ou tem interesse por este tema, e também os próprios alunos surdos ou deficientes auditivos de toda Região Oeste do Rio Grande do Norte, além de oferecer apoio linguístico aos seus familiares e à comunidade em geral. Tem como meta a melhoria na qualidade de educação dos estudantes surdos nela matriculados, considerando sempre o fato de que eles tem, como língua materna (L1), a Libras.

Foto 1 – Fachada do CAS – Mossoró / RN.



Fonte: arquivo pessoal.

O CAS foi fundado em junho de 2006 em função da necessidade de apoio pedagógico aos surdos da região, que sofriam com a ausência de intérpretes, com o desconhecimento generalizado da Libras e com o preconceito da comunidade como um todo, mas em especial da comunidade escolar. Com o passar dos anos, o atendimento foi tornando-se cada vez mais

especializado e profissional, e hoje existem cerca de 102 alunos surdos que frequentam a instituição, matriculados em escolas regulares públicas ou privadas desde a Educação Infantil até o Ensino Superior, com diferentes níveis linguísticos, faixas etárias e escolaridades, que participam do atendimento do CAS no contra-turno de suas escolas. Estes têm a garantia do apoio educacional necessário para que alcancem êxito em sua aprendizagem, tanto a nível de Língua Portuguesa escrita quanto em relação ao auxílio com a compreensão de qualquer componente curricular, com professores de diversas áreas de conhecimento, além do ensino aprofundado de sua L1.

Como instituição pública, [o CAS] precisa contribuir efetivamente para o avanço da educação das pessoas surdas no Estado do Rio Grande do Norte. Nessa perspectiva o nosso PPP foi construído coletivamente visando oportunizar através dos seus serviços o apoio educacional bilíngue às pessoas surdas. (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DO CAS, Mossoró 2017, p. 6).

Durante o turno matutino, devido ao número reduzido de alunos matriculados, estes subdividem-se em dois grupos: Educação Infantil e Educação Básica. No turno vespertino há um quantitativo maior de alunos, e por conseguinte, a divisão se dá em quatro grupos distintos: Educação Infantil, Grupo 1 (estudantes com conhecimento elementar de Libras e/ou Língua Portuguesa), Grupo 2 (estudantes com conhecimento intermediário de Libras e/ou Língua Portuguesa) e Grupo 3 (estudantes com conhecimento avançado de Libras e/ou Língua Portuguesa). Ou seja, a divisão dos grupos não se dá por faixa etária ou escolaridade, e sim por nível de conhecimento linguístico, o que é avaliado pelos profissionais de educação da referida instituição.

Além disto, o CAS também visa o comprometimento com a divulgação e o ensino da Libras para todos os tipos de profissionais interessados, mas em especial para aqueles da rede estadual de ensino. Desta forma, se oferecem periodicamente cursos de Libras como segunda língua (L2) para toda a comunidade ouvinte, com algumas turmas especiais sendo formadas de acordo com a necessidade e a procura dos interessados, como, por exemplo, a criação de turmas específicas para profissionais da área da saúde, requisitadas pela Prefeitura Municipal de Mossoró. Os cursos de Libras como L2 são ofertados nos turnos matutino, vespertino e noturno, e contam com diversos níveis de ensino, desde o Básico até o Avançado, e ainda existem os cursos de Conversação e Formação de Intérpretes.

3.3. Sujeitos da Pesquisa

Em um universo de 102 estudantes surdos ou deficientes auditivos que participam regularmente das atividades do CAS, fez-se a pesquisa com 20 alunos que se dispuseram a participar, de livre vontade, após a leitura, explicação e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, com os questionários e as aulas sendo ministradas durante a classe regular. Quando os alunos que desejavam fazer parte da pesquisa eram mais jovens que 18 anos, foi solicitado que levassem o TCLE para seus pais lerem e assinarem. Houve o cuidado na organização da pesquisa para que o participante que respondesse ao primeiro questionário também respondesse ao segundo.

Desta forma, foram formados dois grupos de pesquisa: um pela manhã e outro à tarde, no entanto, após a coleta dos dados, todos foram reagrupados em uma mesma pesquisa. Os dois grupos de alunos investigados (matutino – Foto 2 – e vespertino – Foto 3) são bastante heterogêneos no que diz respeito à faixa etária e ao grau de escolarização, tanto quando comparamos os indivíduos dentro do próprio grupo, quanto quando comparamos um grupo com o outro. Portanto, o parâmetro usado para, posteriormente, reagrupá-los em uma mesma pesquisa foi a condição de serem surdos. A partir destes dados, foi verificado o interesse dos mesmos pela Escrita de Sinais, e analisados quanto a idade e escolarização, para perceber se estes fatores influenciavam na sensibilização quanto a valorização da Libras através da Escrita de Sinais.

Foto 2 – Alguns alunos do turno matutino do CAS – Mossoró / RN.



Fonte: arquivo pessoal.

Foto 3 – Alguns alunos do turno vespertino do CAS – Mossoró / RN.



Fonte: arquivo pessoal.

3.4. Língua Portuguesa escrita enquanto L2

Com o uso da Língua Portuguesa como modalidade escrita para os surdos do Brasil, percebe-se que eles, muitas vezes, não apresentam fluência nesta língua, fazendo-o de forma automatizada e sem o uso de palavras gramaticais típicas e necessárias para manter a coesão e coerência textuais, como artigos, preposições e conectivos que caracterizam a modalidade escrita da Língua Portuguesa.

Apesar de haver o respeito quanto às variedades linguísticas que existem em nosso país, não é em virtude deste aspecto que os surdos costumam escrever fugindo das regras gramaticais da norma culta. As mensagens de aplicativos de redes sociais são beneficiadas pelo uso de emojis e gifs, mas mesmo assim muitas pessoas surdas permanecem sem conseguir transmitir um sentido lógico para quem não é conhecedor da Língua de Sinais, havendo problemas de interpretação, até mesmo, entre usuários da língua sinalizada. O que muitos se referem como: “escrever em Libras”, ao ver textos produzidos por surdos, na realidade não passa de “escrita sinalizada”, uma vez que são palavras de conteúdo, sem necessariamente obedecer as regras de colocação substantiva e verbal dentro da oração. E a ausência do uso de certos conectivos ou outras palavras na Língua Portuguesa escrita, torna a mensagem sem sentido ou, até mesmo, indecifrável.

Por esta razão, resolveu-se estimular o uso de Escrita de Sinais por meio de surdos e outros usuários ouvintes de Libras, como forma de valorização da cultura surda por meio do registro correto do que se intenciona falar ou explicar. Ao se utilizar uma escrita própria de

línguas sinalizadas, respeitam-se as particularidades espaciais da língua, garantindo veracidade aos sinais e expressões intencionados.

3.4. Condução da Pesquisa

Durante as aulas regulares dos estudantes surdos do CAS de Mossoró, tanto durante o turno matutino quanto o turno vespertino, realizou-se, por um período de duas semanas, as pesquisas referentes ao tema deste trabalho.

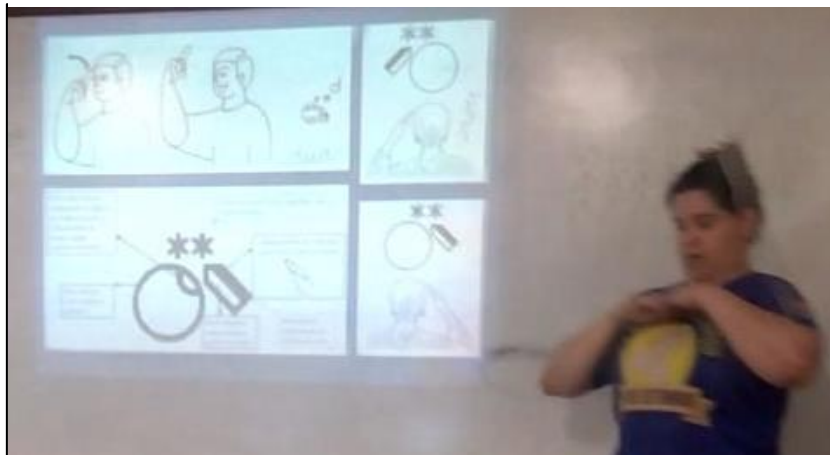
Inicialmente, foi conversado com os alunos sobre os objetivos destas semanas e entregue à eles o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE para que eles e/ou seus responsáveis tivessem ciência que estariam participando de uma pesquisa e o assinassem.

Foi elaborado e aplicado um questionário inicial com os alunos participantes da pesquisa, para sondar seus conhecimentos prévios e anseios sobre a modalidade escrita da língua de sinais, bem como sobre o interesse em aprender a escrever em sinais. Este questionário, que pode ser visto em anexo a este trabalho, apresentava 10 questões, sendo as três primeiras intencionando traçar o perfil dos participantes (sexo, idade e escolaridade) e sete perguntas de caráter objetivo para entender o nível de conhecimento dos participantes sobre a Escrita de Sinais. Considerando que o questionário foi elaborado em Língua Portuguesa escrita e que haviam estudantes de diversos níveis linguísticos, cada pergunta foi lida, sinalizada e explicada individualmente para toda a turma, de modo a evitar respostas errôneas em função da não compreensão do que estava sendo solicitado. O questionário foi elaborado em Língua Portuguesa por termos partido do pressuposto que os participantes não teriam conhecimento aprofundado o suficiente para responderem em Escrita de Sinais.

Após a análise dos questionários prévios, aconteceram aulas teóricas expositivas (Foto 4) acerca da Escrita de Sinais e de sua importância para o registro histórico da Libras. Como o CAS trata-se de um centro de apoio, e não uma escola regular, os alunos não estão presentes diariamente, e sim com frequência média de dois dias por semana, em dias alternados. Desta forma, cada aula foi repetida durante dois dias a cada semana (segunda e terça, quarta e quinta), para garantir que todos os estudantes tivessem o contato inicial com o sistema de Escrita de Sinais de maneira homogênea. Nas aulas, foi abordado o surgimento da Escrita de Sinais, os princípios básicos dos parâmetros da Libras, e a formulação de sinais simples, momento em que

os alunos tiveram a oportunidade de aprender a escrever seus sinais pessoais, dentre outros como sinais de saudações, cumprimentos e locais da escola.

Foto 4 – Aula expositiva sobre Escrita de Sinais no CAS – Mossoró / RN.



Fonte: arquivo pessoal.

Após a realização das aulas, foi aplicado um novo questionário com os mesmos participantes que responderam o anterior, no intuito de saber se eles haviam assimilado a importância da Escrita de Sinais para a Libras, bem como para perceber se houve eficácia e receptividade da Escrita de Sinais pelos estudantes surdos. Mais uma vez o questionário estava escrito em Língua Portuguesa, já que o intuito não era comprovar se seriam capazes de ler em Escrita de Sinais num primeiro momento. Tal questionário encontra-se nos anexos deste trabalho de pesquisa, e, novamente, foi lido em sala de aula com a devida sinalização e explicação de cada questão para não haver risco dos participantes responderem alguma pergunta erroneamente por falta de compreensão do que estava escrito.

O segundo questionário também era composto por 10 perguntas, onde as três primeiras relacionavam-se ao perfil dos participantes (sexo, idade e escolaridade), da mesma forma que ocorreu no questionário prévio. A repetição destas perguntas teve o propósito de confirmar se os participantes realmente eram os mesmos, em ambos questionários. As sete perguntas seguintes relacionavam-se quanto a percepção deles da Escrita de Sinais. As seis primeiras perguntas temáticas possuíam caráter objetivo, intencionando uma tabulação dos dados, bem como facilitar as respostas dos participantes. A última pergunta, no entanto, tinha caráter discursivo, e nela os estudantes deveriam expor suas opiniões sobre a importância de aprender Escrita de Sinais, sem julgamento de valores.

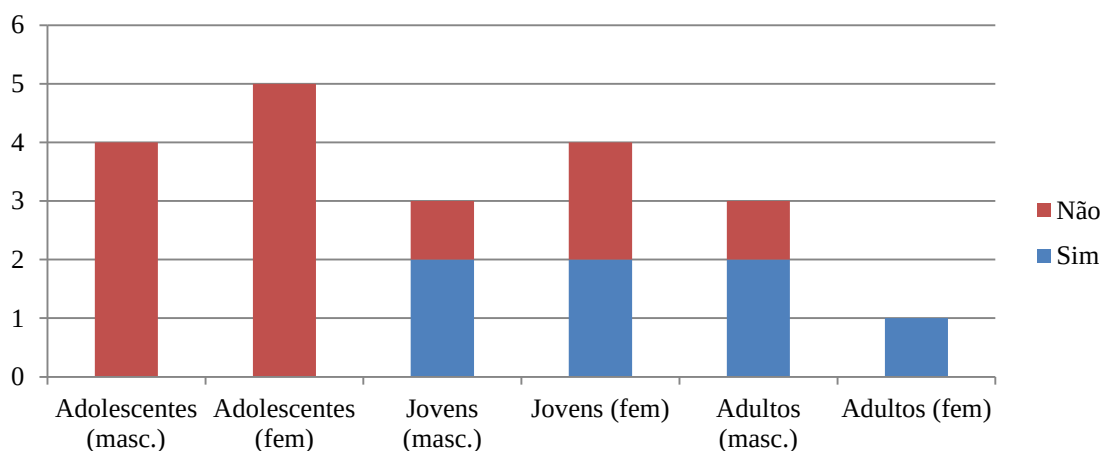
Afim de padronizar o resultado da pesquisa, as respostas aos questionários realizados tanto no turno matutino quanto no turno vespertino foram tabeladas em conjunto, dividindo os alunos apenas pelo fato de terem conhecimentos prévios quanto ao tema da pesquisa (Escrita de Sinais) ou não terem conhecimentos prévios.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1. Questionário Prévio

Em resposta à primeira pergunta do questionário realizado antes das explicações (Gráfico 1), apenas 35% dos participantes sabiam da existência de uma escrita própria para as Línguas de Sinais, e todos estes encontrados na faixa etária entre jovens e adultos, apesar de quase metade da amostragem (45%) ser composta por adolescentes, independente do sexo ou escolaridade. Isto nos mostra que um dos fatores que podem estar levando ao não-uso da Escrita de Sinais pode ser, simplesmente, a falta de conhecimento sobre sua existência, o que pode ser sanado ainda na adolescência, ou até mesmo antes, concomitante ao seu processo de alfabetização. Contudo, a independência deste conhecimento em relação a escolaridade, afirma que não é na escola regular que os surdos têm contato com as particularidades de sua L1. Tal conhecimento é passado entre surdos pertencentes à uma mesma comunidade, sendo, portanto, muito importante que frequentem Associações, eventos e atividades próprios onde haja uma maior interação entre pessoas surdas, além da necessidade de haver uma alfabetização própria em sinais no CAS, onde já existe o apoio pedagógico.

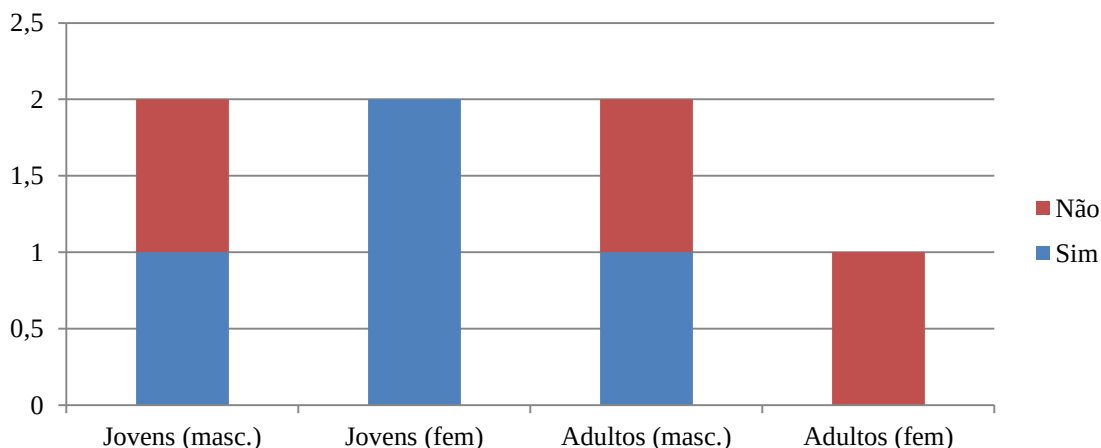
Gráfico 1 - Você conhece a Escrita de Sinais?



A pergunta seguinte foi sobre o conhecimento quanto a fazer uso da Escrita de Sinais (Gráfico 2). Em relação aos alunos que afirmaram não conhecer a Escrita de Sinais na pergunta anterior, nenhum disse saber utilizá-la, contudo estas respostas não foram consideradas para a análise estatística, uma vez que este resultado já era esperado, além da análise estar associada à

pergunta anterior. Desta forma, as respostas foram reduzidas a 7 participantes, em contraste aos 20 anteriores. Dentre os que conhecem a existência da Escrita de Sinais, 57,1% sabem usá-la, ao passo que 42,9% não o sabem, o que não teve relação alguma quanto ao sexo ou escolaridade dos envolvidos na pesquisa. Isto mostra que ter conhecimento sobre algo é diferente de saber praticá-lo. O alto índice de pessoas que afirmam conhecer a existência da Escrita de Sinais mas no entanto não sabem utilizá-la, demonstra que é necessário um ensino sistematizado e uma prática regular e constante para que possam apropriar-se desta modalidade da língua. Quando não há um meio de trocar experiências em relação a um tema, este acaba por perder-se, pois o conhecimento solitário não tem serventia. Contudo, se conseguirmos fazer com que eles interajam e vejam registros em Escritas de Sinais, isto irá despertá-los para que possam fazer uso de sua escrita própria.

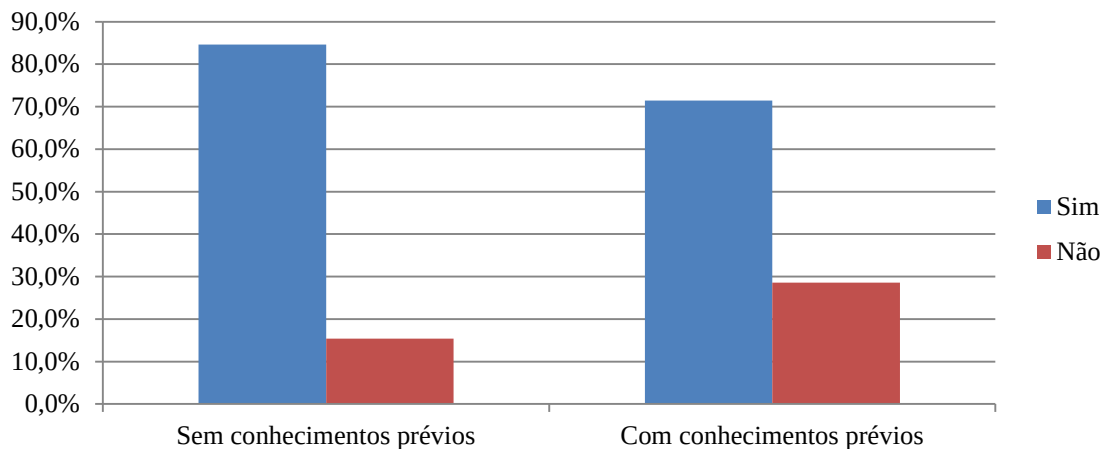
Gráfico 2 - Você sabe escrever usando Escrita de Sinais?



A partir desta próxima pergunta, em função de não haver diferença relacionada à faixa etária e, desta forma, não haver a necessidade de separá-los em jovens e adultos, resolveu-se dividir os dados tabelados em dois grupos: o dos sujeitos que não tinham conhecimentos prévios sobre a Escrita de Sinais – ES, e os que tinham conhecimentos prévios sobre a ES. Perguntou-se, ainda, se eles sentiam dificuldades em utilizar a modalidade escrita da Língua Portuguesa (Gráfico 3). Dentre o grupo de participantes que não tinha conhecimentos prévios sobre a Escrita de Sinais, 84,6% afirmaram ter dificuldades com a escrita em Língua Portuguesa, enquanto 71,4% dos que tinham conhecimentos prévios sobre a Escrita de Sinais tem esta mesma dificuldade. Ambas as taxas percentuais são bastante altas, o que comprova que escrever em uma língua diferente de sua L1 pode ser uma tarefa bastante árdua, ainda mais quando se tratam de

línguas onde o meio de transmissão também é distinto, sendo uma oral e outra visual-espacial. Contudo, destacamos que a dificuldade passa a ser maior quando os indivíduos não são letrados em sua L1, o que pode gerar um aumento de confusão de pensamentos na hora de decodificar os signos linguísticos, dentre outras coisas.

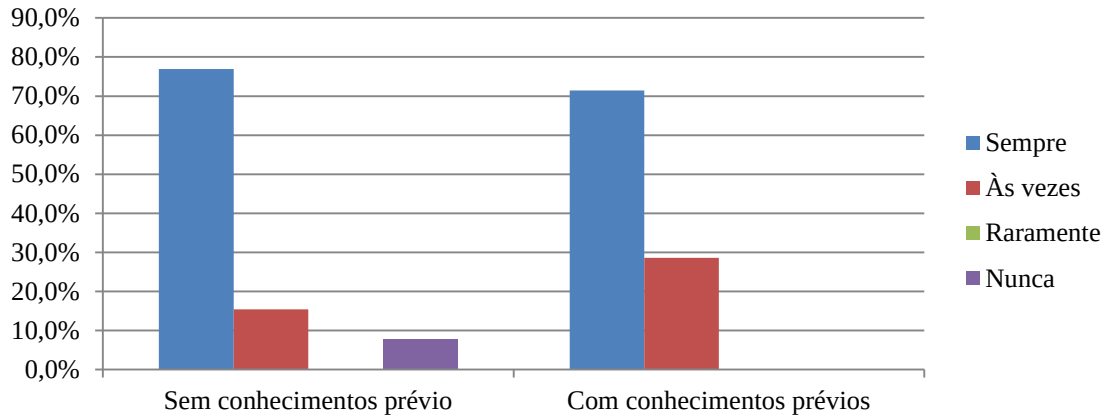
Gráfico 3 - Você acha difícil escrever em Português?



Em relação à compreensão da escrita em Língua Portuguesa, foram feitas duas perguntas similares, mas com sentidos opostos. Uma destas foi quanto a compreensão de outras pessoas surdas escrevendo em Português para que o participante leia (Gráfico 4). Neste caso, haviam quatro opções de respostas: sempre, às vezes, raramente e nunca. Quanto aos participantes que não possuíam conhecimentos prévios da Escrita de Sinais, 76,9% disseram sempre compreender a escrita de outros surdos; 15,4% disseram compreender às vezes, e 7,7% disseram nunca compreender. Dentre os participantes que possuíam conhecimentos prévios da Escrita de Sinais, 71,4% disseram que sempre compreendiam e 28,6% disseram que a compreensão ocorre às vezes, não havendo outro tipo de resposta. Os números são bastante semelhantes, não havendo diferença significativa entre os que conheciam ou não a Escrita de Sinais. Isto mostra a independência das duas línguas, e também levanta a problemática de que não se sabe se quem está a escrever é alguém com um nível de escolaridade mais alto ou mais baixo, o que interfere diretamente na escrita. Em todo caso, os dados sugerem que, apesar das dificuldades, os surdos se esforçam e conseguem transmitir suas mensagens em uma língua escrita diferente da sua natural (L2). É importante ressaltar que estamos falando em termos de surdos escrevendo em português para outros surdos, e neste caso, são duas pessoas imersas em uma mesma cultura, que sabem compreender a falta de conectivos e palavras gramaticais na Língua Portuguesa, e assim se

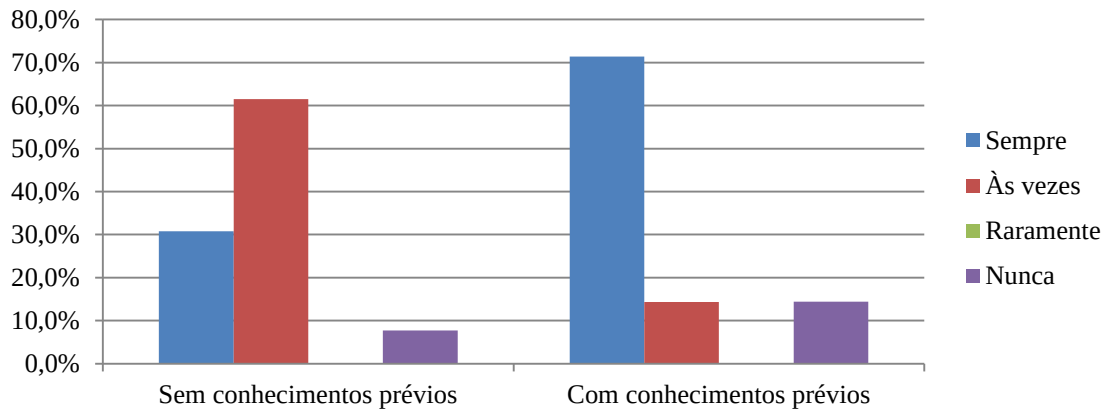
entendem melhor. É possível que estes dados fossem diferentes, caso houvéssamos perguntado em relação à leitura de textos construídos por pessoas ouvintes alheias à comunidade surda.

Gráfico 4 - Quando um amigo surdo escreve em Português, você entende tudo?



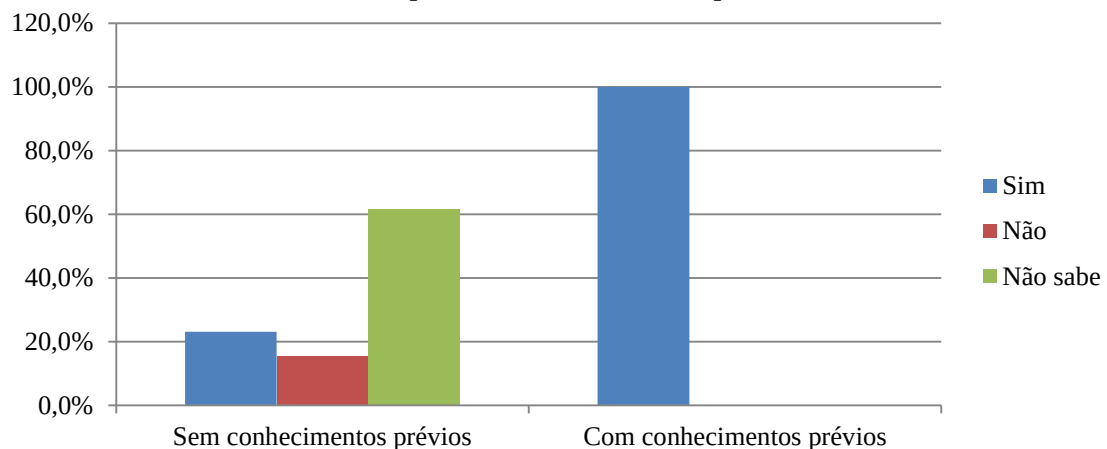
A pergunta seguinte foi em relação a outras pessoas, ouvintes, compreenderem o que o participante, surdo, escreve em Língua Portuguesa, havendo as mesmas quatro opções de resposta: sempre, às vezes, raramente e nunca (Gráfico 5). Em relação aos participantes que não possuíam conhecimentos prévios da Escrita de Sinais, 30,8% disseram ser compreendidos sempre; 61,5% disseram ser compreendidos às vezes e 7,7% disseram não ser compreendidos nunca. Quanto aos participantes que possuíam conhecimentos prévios quanto à Escrita de Sinais, 71,4% disseram ser compreendidos sempre; 14,3% disseram ser compreendidos às vezes e 14,3% disseram nunca ser compreendidos. Todos aqueles que, além de conhecer, dominam o uso da Escrita de Sinais, afirmaram ser compreendidos sempre. Apesar da semelhança desta pergunta com a anterior, os resultados foram bastante discrepantes. Percebe-se, neste caso, que aqueles que conhecem e dominam a Escrita de Sinais, ou seja, a forma escrita de sua própria língua, também conseguem fazer melhores conexões em uma L2, e assim se fazem entender melhor, quando comparados às pessoas que não dominam a Escrita de Sinais.

Gráfico 5 - Quando você escreve em Português, outras pessoas ouvintes te entendem?

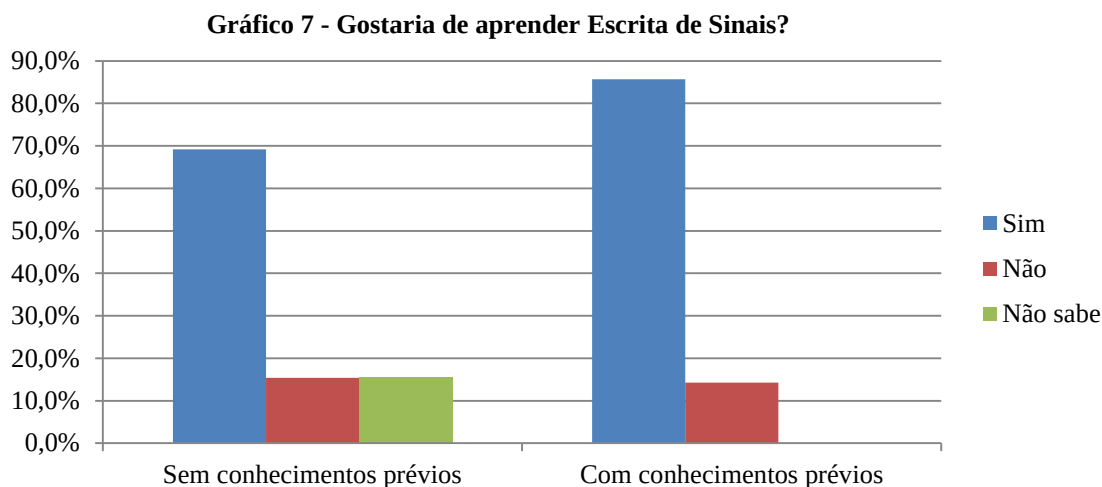


Uma outra pergunta foi em relação à opinião pessoal quanto a importância da Escrita de Sinais (Gráfico 6). Havia três opções de resposta: sim, não e não sabe. As respostas dos participantes que não tinham conhecimentos prévios sobre a Escrita de Sinais foi um pouco surpreendente, pois apesar da falta de conhecimento evidente em torno do assunto, ainda houve 23,1% de respostas dizendo ser algo importante e 15,4% de respostas dizendo não ser algo importante. Provavelmente fizeram inferências em relação ao que estava escrito e foi sinalizado na explicação da pergunta. Os demais participantes que não conheciam a Escrita de Sinais, 61,5%, disseram não saber responder esta pergunta. Com relação aos participantes que tinham conhecimentos prévios sobre a Escrita de Sinais, 100% destes afirmaram ser algo importante. Este resultado mostra que o conhecimento é algo, realmente, grandioso e que, apesar de que nem todos usam a Escrita de Sinais, eles têm consciência sobre sua importância para a comunicação e valoração da língua.

Gráfico 6 - Acha que a Escrita de Sinais é importante?



A última pergunta presente no primeiro questionário da pesquisa indagava sobre o desejo em aprender a Escrita de Sinais, com três possibilidades de resposta: sim, não e não sabe (Gráfico 7). Com os estudantes que não possuíam conhecimentos prévios sobre a Escrita de Sinais, obtivemos 69,2% de respostas afirmativas; 15,4% de respostas negativas e 15,4% de respostas onde não há uma opinião formada sobre o assunto. Quanto aos estudantes que já tinham o conhecimento prévio acerca da Escrita de Sinais, 85,7% de respostas foram afirmativas ao passo que 14,3% de respostas foram negativas. Este último número representa um único indivíduo que além do conhecimento sobre Escrita de Sinais, também faz uso da mesma, então podemos inferir que essa falta de desejo em continuar os estudos deve-se ao fato de que ele já domina a escrita e, assim, assume que não há mais o que aprender.



4.2. Aulas de Escrita de Sinais

Foram estudadas as respostas de 20 estudantes, todos com identidade surda bem definida, porém com níveis de perda auditiva distintos, que frequentam o CAS nos turnos matutino ou vespertino, cujas características para traçar o perfil, podem ser vistas na tabela a seguir (Tabela 1). Estes dados foram obtidos a partir das três primeiras perguntas do questionário prévio, e conferidos com as três primeiras perguntas do questionário posterior às aulas. Para tanto, consideramos as seguintes faixas etárias: adolescentes (12-17 anos), jovens (18-24 anos) e adultos (a partir de 25 anos). A pesquisa não foi realizada com os alunos da Educação Infantil de nenhum dos turnos, uma vez que para as crianças surdas, seria necessária uma nova metodologia

e um novo enfoque. Deixo, aqui, a proposta para este estudo com crianças em fase de alfabetização, de modo que se possa perceber a importância da escrita de sinais no desenvolvimento cognitivo das mesmas.

Tabela 1 – Caracterização quanto ao sexo, faixa etária e escolaridade dos alunos do CAS Mossoró, participantes na pesquisa.

Escolaridade	Sexo Masculino			Sexo Feminino		
	Adolescente	Jovem	Adulto	Adolescente	Jovem	Adulto
Ensino Fundamental Incompleto	3	0	1	4	0	1
Ensino Fundamental Completo	0	0	0	0	0	0
Ensino Médio Incompleto	1	3	1	1	2	0
Ensino Médio Completo	0	0	1	0	1	0
Ensino Superior Incompleto	0	0	0	0	1	0
Ensino Superior Completo	0	0	0	0	0	0

Foram realizadas as duas semanas de aula propostas, contudo, devido à dinâmica de frequência dos alunos ao CAS, a mesma aula precisou ser repetida duas vezes por semana. Assim, a aula que acontecia às segundas-feiras, também acontecia às terças-feiras; e a aula que era ministrada às quartas-feiras, repetia-se às quintas-feiras. A sexta-feira é um dia de planejamento coletivo dos profissionais da educação do CAS Mossoró, portanto não há a presença de alunos neste dia.

A primeira aula, ministrada nos dias 18 e 19 de fevereiro do ano 2019, teve como temática os cinco parâmetros da Libras e como estes diferem extremamente dos fonemas referentes de línguas oralizadas, que se utilizam de letras do alfabeto. Foi uma aula bastante teórica e envolta em muita discussão dos alunos, onde estes puderam refletir acerca de sua própria língua e de como ela não consegue ser, efetivamente, registrada através do Português escrito ou de glosas. Os alunos de ambos os dias e nos diferentes turnos demonstraram muito interesse com este debate, e a reflexão das particularidades da língua os levou a ter mais orgulho de serem falantes de Libras como L1, levando a uma maior valorização da língua. Independente dos alunos terem conhecimentos prévios ou não sobre o tema, todos se empolgaram e acharam interessante a percepção gramatical da Libras, pois nunca haviam parado para refletir sobre a mesma.

A segunda aula foi ministrada nos dias 20 e 21 de fevereiro de 2019, e foi dedicada ao aprendizado da escrita das diferentes configurações de mãos e direcionalidade em Libras. Os

estudantes repetiam os sinais ensinados em uma tabela elaborada e entregue a cada um, e em um ato reflexivo, juntos, pensavam em sinais que pudessem ser escritos com cada configuração de mãos apresentada. Estes sinais pensados em conjunto eram escritos na lousa, e todos os estudantes tiveram a oportunidade de tentar escrever, ao menos, um sinal diferente. Este momento foi um pouco lento, uma vez que ainda estavam aprendendo a escrever os sinais, sendo comparável à fase de garatuja na alfabetização da Língua Portuguesa, contudo os estudantes demonstraram-se atentos aos detalhes e opinavam sempre na escrita que cada sinal deveria ter. Eles perceberam, naturalmente, que a Escrita de Sinais tem uma perspectiva expressiva, e isso facilitou bastante a aprendizagem.

A terceira aula ocorreu nos dias 25 e 26 de fevereiro de 2019, e nela foram explicados os pontos de articulação e os diferentes contatos da Libras em Escrita de Sinais. Desta feita, os estudantes passaram a escrever, também, as partes do corpo, como cabeça, ombros, quadris e braços. Os sinais de contato (toque, bater, escovar, alisar e suas variações) causaram um pouco de confusão durante o turno matutino, mas usando da estratégia comparativa entre sinais de diferentes intensidades, eles compreenderam as diferenças básicas e, em seguida, cada um teve a possibilidade de escrever seu próprio sinal pessoal. Com a chance de verem suas mãos materializadas no papel, os alunos de ambos os turnos e dos dois dias ficaram bastante eufóricos e seguiram repetindo seus sinais pessoais, além dos sinais pessoais de seus familiares, amigos e namorados.

A última aula ocorreu nos dias 27 e 28 de fevereiro do ano 2019. Nesta, resolvemos fazer cartazes de cartolina para colocar nas diferentes dependências do CAS, com a indicação de cada uma, por exemplo: sala de aula, banheiro, cozinha... Assim, os alunos elaboraram pequenos cartazes para serem espalhados pela escola. A animação de produzirem algo em sua língua própria escrita para que pudesse indicar para outras pessoas, surdas ou ouvintes, o que cada ambiente representa, foi geral e os fez sentirem-se orgulhosos de si próprios.

Ao final desta aula, foi explicado que a pesquisa havia acabado, e os alunos demonstraram decepção, dizendo que gostariam de continuar a estudar a Escrita de Sinais, o que tornou-se um compromisso da pesquisadora em seguir fazendo. Após esta conversa, foi aplicado o questionário posterior, cujas análises estão a seguir.

4.3. Questionário Posterior

O questionário realizado após as aulas explicativas sobre o tema Escrita de Sinais, apresentava dez questões, sendo as três iniciais para reafirmar a caracterização dos participantes e as sete perguntas seguintes abrangentes sobre o que foi aprendido, sendo seis objetivas e uma pergunta dissertativa. Independente dos alunos terem ou não conhecimentos prévios sobre o tema, as respostas foram bastante parecidas e, portanto, os participantes não foram mais divididos de acordo com este quesito. Ressaltaremos, apenas, as respostas em que houve alguma discrepância.

A primeira pergunta de múltipla escolha, a nível do tema, foi (1) sobre a percepção dos participantes sobre a importância da Escrita de Sinais. Todos os alunos (100%), sem exceção, afirmaram que esta modalidade da língua é importante. Esta mesma pergunta havia sido feita no questionário prévio, onde obtivemos um percentual bem diferente do obtido após o conhecimento da modalidade escrita. Da mesma forma, na segunda pergunta foi unânime (100%) a resposta afirmativa ao serem indagados (2) se haviam gostado de estudar Escrita de Sinais. Concluímos, com as respostas a estas duas perguntas, que os alunos identificaram-se com sua língua escrita e conseguiram desfrutar das aulas, internalizando o conhecimento.

Nas perguntas seguintes, sobre (3) o desejo de aprender mais sobre Escrita de Sinais, (4) se usariam a Escrita de Sinais a partir deste momento, e (5) sobre acreditarem que a Escrita de Sinais pode auxiliar a aprender Libras, também obtivemos um percentual de 100% de respostas afirmativas em todos os quesitos. Todos estes resultados mostram que uma vez imersos no tema, eles conseguem ver o tanto que a Escrita de Sinais pode beneficiar o dia-a-dia dos usuários de línguas sinalizadas.

A última pergunta objetiva sobre o tema, foi (6) em relação à Escrita de Sinais ajudar a memorizar sinais novos, recém aprendidos. A esta questão também foram obtidas 100% de respostas afirmativas, no entanto um dos participantes, que possuía conhecimento prévio sobre a Escrita de Sinais, disse, no momento da explicação em Libras da pergunta que estava escrita em Português, que ajudava, mas nem tanto. Ele acredita que a Escrita de Sinais só beneficia na memorização caso o usuário esteja bem conectado com as duas modalidades: sinalizada e escrita. Ele está correto nesse pensamento, uma vez que a esquematização solta de algum sinal não fará sentido caso não haja imersão na cultura surda. Uma língua não se trata apenas de signos e

significantes, mas também todo o contexto social e cultural que permeia a comunidade que a utiliza. Se não tivermos propriedade para realizar um sinal corretamente, não poderemos escrevê-lo, da mesma forma que se não escrevermos corretamente, não será possível reproduzi-lo sinalizando.

Todas as respostas às perguntas objetivas do questionário posterior às aulas explicativas, podem ser vistas na tabela a seguir (Tabela 2).

Tabela 2 – Respostas do questionário posterior à explicação dos participantes na pesquisa.

Escolaridade	Sem conhecimento prévio		Com conhecimento prévio	
	Sim	Não	Sim	Não
1. Você acha a Escrita de Sinais importante?	100%	0%	100%	0%
2. Você gostou de estudar Escrita de Sinais?	100%	0%	100%	0%
3. Você quer aprender mais Escrita de Sinais?	100%	0%	100%	0%
4. Você vai usar Escrita de Sinais a partir de agora?	100%	0%	100%	0%
5. Você acha que a Escrita de Sinais ajuda a aprender Libras?	100%	0%	100%	0%
6. Escrever um sinal novo em Escrita de Sinais ajuda a memorizá-lo?	100%	0%	100%	0%

A última pergunta, de caráter discursivo, era uma indagação sobre a opinião dos participantes quanto à necessidade de estudar Escrita de Sinais. Diante das respostas às questões objetivas, percebe-se que houve um encantamento dos participantes pela modalidade escrita da língua sinalizada, e portanto as respostas a esta última pergunta não poderiam ser diferentes das que foram obtidas, no entanto, faremos aqui a transcrição de algumas destas respostas, afim de discutí-las:

1. “*Sim pq eu gostei mão desenha libras importante aprender*” (sexo masculino, 14 anos, sem conhecimentos prévios).

O aluno disse ter gostado de ver que suas mãos eram capazes de escrever seus sinais, e que isso torna o aprendizado da Escrita de Sinais importante. Esta foi uma das reações percebidas por parte dos alunos. Eles gostavam do fato da Escrita de Sinais ser icônica, e assim poderem compreender o que está escrito pois há relação direta e formação de sentido nas frases.

2. *“Pq é bom ter o mais conhecimento sobre a escrita de sinais a usar sinalizando Libras, pq se a pessoa só estiver com o desenho escrita... como é que eles vão entender e como vai saber sem entender escrita de sinais para sinalizar com os surdos? Então ainda existe muitas pessoas fora que desenha escrita de sinais nos esforçando muito para ajudar os surdos a entender na escrita sinalizando com as mãos. E para perceber também o desenho na escrita o que mostram como é que faz pra sinalizar”* (sexo feminino, 22 anos, sem conhecimentos prévios).

A aluna dissertou sobre a importância de conhecer a Escrita de Sinais porque ela reproduz fielmente o que a Libras quer dizer. Também falou sobre a importância de pessoas ouvintes fazerem uso da Escrita de Sinais, esforçando-se para se comunicarem com os surdos, e também no processo de aprendizagem da Libras. Ela demonstra um desejo em melhorar a comunicação com os ouvintes.

3. *“Pq escrita de sinais ela é muito interessante me sentir aquela coisa vontade de aprender muito e também me sentir muito curioso”* (sexo masculino, 21 anos, sem conhecimentos prévios).

O aluno diz que a Escrita de Sinais é muito interessante e demonstra vontade e curiosidade em aprender mais. Essa atitude foi a mesma em todos os alunos, independente de terem ou não o conhecimento prévio, o que mostra que houve uma identificação pessoal com o sistema de escrita.

4. *“Gostei aprende e escrita primeira e vezes muito estuda aprende que bom”* (sexo masculino, 17 anos, com conhecimentos prévios).

O aluno diz que gostou quando começou a aprender a Escrita de Sinais pela primeira vez, e que isso o ajudou a estudar. A possibilidade de ter sua L1 registrada, abre caminhos para o conhecimento, e assim há mais maneiras deles estudarem e compreenderem o mundo.

5. *“É muito importante estudado a escrita de sinais é muito importante aprender a língua de sinais”* (sexo feminino, 23 anos, com conhecimentos prévios)

A aluna relacionou o estudo da Escrita de Sinais com o aprendizado da própria língua de sinais. Isso indica que há o reconhecimento da importância de aprender a língua e sua modalidade escrita concomitantemente, pois há um registro ao qual recorrer para que não haja esquecimento do sinal.

6. “*Gosto bom sim. Importante comunicar surdo também literatura, piada, história*” (sexo masculino, 25 anos, com conhecimentos prévios)

O aluno disse que gostava de Escrita de Sinais e que a mesma era importante para a comunicação com os surdos, assim como para o registro de literatura, exemplificando a piada e narrativas. Este depoimento mostra outro ponto importante da Escrita de Sinais: o registro de memórias, histórias e cultura. Ter o registro de sua língua, evita que a mesma torne-se extinta.

A partir dos excertos retirados dos questionários posteriores às explicações sobre Escrita de Sinais, percebe-se que todos compreenderam a importância de utilizar a modalidade escrita de sua L1 para haver uma boa comunicação entre os surdos e outros usuários da língua sinalizada, e também para o aprendizado de sua cultura. Ressalta-se o fato de que todos relacionaram a Escrita de Sinais a uma melhora de comunicação e aprendizado, e ainda houve a menção quanto ao registro histórico de materiais para consulta posterior, valorizando a Língua de Sinais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É notável a diferença no comportamento e interesse dos alunos durante a realização das aulas. Aqueles que já tinham noções sobre Escrita de Sinais, permaneceram atentos às aulas e faziam questão de servir como auxiliares, mostrando o que já sabiam e como poderiam contribuir nos debates para que os demais participantes também aprendessem. Os que não tinham conhecimento prévio sobre a Escrita de Sinais, passaram de um estágio onde acreditavam que seria apenas mais um “conteúdo chato” a ser aprendido para um momento de grande interesse em que eles puderam sentir a propriedade e riqueza de sua língua mãe. O momento de aulas expositivas e as ocasiões em que eles tiveram a chance de praticar os sinais aprendidos foram poucos, mas foram suficientes para plantar nos participantes a semente da curiosidade e do desejo em aprender cada vez mais, valorizando sua língua e mostrando sua complexidade e beleza.

Infelizmente, talvez devido a ausência de escolas bilingues, não existe uma ocasião formal, estruturada, em que este conteúdo possa ser transmitido para a comunidade surda. Apesar da obrigatoriedade, perante a Legislação Brasileira, de todos os cursos superiores que formam professores terem a disciplina de Libras em sua grade curricular, o mau planejamento desta disciplina deixa bastante a desejar quanto aos profissionais da educação formados, e com isso, nossos estudantes surdos privam-se do direito de escrever em sua L1.

É urgente e necessário começar a produzir materiais de literatura em seus diversos tipos textuais (fábulas, piadas, contos, crônicas, etc.) em Escrita de Sinais, para que assim haja material de consulta e, desta forma, uma fonte de contato e pesquisa para surdos, familiares, usuários da Libras e educadores. Apenas com o contato constante com a modalidade escrita, é possível apropriar-se dela, e apenas com essa apropriação é possível manter registros que independam de mídias tecnológicas para futuras consultas e pesquisas. As pessoas vão à escola basicamente para aprenderem a ler, mas o fato é que, mesmo após terminarem o Ensino Básico, conforme aponta Stumpf (2001; 2005), muitos surdos continuam sem conseguir este objetivo. Assim, entende-se que é algo útil e necessário ensinar a Escrita de Sinais desde o princípio da escolarização do sujeito surdo. *“Quando as crianças conseguem aprender uma escrita que é representação de sua língua natural amadurecem e melhoram o seu desenvolvimento cognitivo”* (STUMPF, 2001, p. 380).

Afim de valorizar a cultura surda e, conseqüentemente, a Libras, considera-se importante lutar pela disseminação do conhecimento deste modo de registro da língua, tão belo, tão complexo, e ambigüamente tão simples. O fato de ter uma modalidade escrita, eleva o *status* da língua e prova aos leigos que não são “gestos”, “mímicas” ou “pantomimas” que são realizados ao conversar em Libras, mas sim o uso de uma estrutura gramatical com todos os pormenores de qualquer outra língua oral, que deve ser estudada, respeitada, aprendida e utilizada.

Diante de tantas lutas e provações que a comunidade surda já passou ao longo de anos de história, cremos que é necessário levantarmos esta bandeira para podermos ter uma língua sistematizada, escrita em livros próprios, sem a necessidade de tradução e com seu espaço em bibliotecas e escolas.

É tempo de reconhecer a língua de sinais, a escrita da língua de sinais, a riqueza cultural que a comunidade surda traz com suas experiências sociais, culturais e científicas. Se não somos competentes na língua usada pela comunidade surda e desconhecemos a riqueza cultural que pode ser produzida de forma Surda, precisamos buscar esse conhecimento ou optar por outra carreira profissional. A educação de surdos não pode mais continuar refém da falta de conhecimento dos profissionais que estão envolvidos na educação de surdos. Temos muito a fazer no processo de alfabetização e no ensino da língua de sinais para garantir a aquisição da leitura e escrita das crianças surdas. (QUADROS, 2000, p. 60-61)

Com o fim desta pesquisa, fortaleço ainda mais o desejo em estudar para ensinar a Escrita de Sinais, pois o maior incentivo do professor, são os resultados mostrados pelos alunos. Sigamos em frente, disseminando a modalidade escrita da Libras com a esperança de que possamos ajudar mais pessoas a conhecer esta língua tão bela e tão importante para a comunidade surda!

6. REFERÊNCIAS

BARBOSA, Felipe Venancio; NEVES, Sylvia Lia Grespan; BARBOSA, Andréa Ferreira. **Política Linguística e Ensino de Português como Segunda Língua**. In: ALBRES, Neiva de Aquino; NEVES, Sylvia Lia Grespan (Org). *Libras em estudo: Política Educacional*. São Carlos: FENEIS, 2013.

BARRETO, Madson; BARRETO, Raquel. **Escrita de Sinais Sem Mistérios**. 2. Ed. Salvador: Libras Escrita, 2015, 414p. v.1.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União, 25 abr. 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2002/L10436.htm. Acesso em: 17 mar. 2018.

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte. *Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da língua de sinais brasileira*. v.1/2. [S.l: s.n.], 2001.

DALLAN, Maria Salomé Soares; MASCIA, Márcia Aparecida Amador. **A escrita em sinais: uma escrita própria para a LIBRAS**. In: LINS, H. A. de M. (org.). *Experiências docentes ligadas à educação de surdos: Aspectos de formação*. Campinas, SP: Edições Leitura Crítica, 2012.

FETTER, Sandro Roberto; CATTANI, Airton; LIMA, Edna Lúcia da Cunha. A escrita, a caligrafia, o desenho de letras e o design de tipos: definições necessárias. In: VANDER LINDEN, Júlio Carlos de Souza; BRUSCATO, Underléa Miotto; BERNARDES, Maurício Moreira e Silva (Orgs.). **Design em Pesquisa** – Vol. II. Porto Alegre: Marcavisual, 2018. p. 37-51.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo. Atlas, 2008.

IBGE. **Analfabetismo cai em 2017, mas segue acima da meta para 2015**. Brasil, 18 maio 2018. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de->

noticias/noticias/21255-analfabetismo-cai-em-2017-mas-segue-acima-da-meta-para-2015.

Acesso em: 22 jan. 2019.

NOBRE, Rundesth Sabóia. **Processo de grafia da Língua de Sinais**: Uma análise fonomorfológica da escrita em signwriting. Florianópolis: Ufsc, 2011.

PIZZUTO, Elena; ROSSINI, Paolo; RUSSO, Tomasso. Representing signed languages in written form: questions that need to be posed. In: VETTORI, C. (Org.) Proceedings of the “Second Workshop on the Representation and Processing of Sign Languages: Lexicographic matters and didactic scenario”. Genoa: **International Conference on Language (LREC)**. 28 mai. 2006, pp. 1-6.

PEIXOTO, Mariana. **Línguas indígenas correm risco de desaparecer**. [S. l.], 15 maio 2016. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/tecnologia/2016/05/15/interna_tecnologia,762725/linguas-indigenas-correm-risco-de-desaparecer.shtml. Acesso em: 4 jan. 2019.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. Centro Estadual de Capacitação de Educadores e Atendimento ao Surdo – CAS, Mossoró/RN, 2017.

QUADROS, Ronice Müller de. Alfabetização e o Ensino de Língua de Sinais. **Textura**, Canoas, n. 3, p. 53-61, jun. 2000.

SANTOMAURO, Beatriz. **Nasce o registro escrito de uma língua escrita**. [S. l.], 1 abr. 2009. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/2536/nasce-o-registro-escrito-de-uma-lingua-indigena?download=true#>. Acesso em: 4 jan. 2019.

SARAIVA, Eliane Freitas Artigas; CARVALHO, Patrícia Alves. Alfabetização e Letramento: Reflexões Teóricas e Implicações acerca da Prática Pedagógica do Professor Alfabetizador. In: III Seminário de Formação Docente: Intersecção entre Universidade e Escola, 2018. Dourados – MS. **Impactos da agenda conservadora sobre a formação de professores**, 2018.

SILVA, Marília da Piedade Marinho. **A Construção de Sentidos na Escrita do Aluno Surdo**. 4. Ed. São Paulo: Plexus, 2001, 105p. v.1.

SKLIAR. C. (org.) **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.

STUMPF, Marianne Rossi. Aquisição da escrita de língua de sinais. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 36, n. 3, p. 373-381, set. 2001.

STUMPF, Marianne Rossi. **Aprendizagem de Escrita de Língua de Sinais pelo sistema SignWriting**: Línguas de Sinais no papel e no computador. Porto Alegre: Ufrgs, 2005.

SUTTON, Valerie; BATCH, Lucinda et al. **Lessons Sign Writing®**. 2. Ed. The Deaf Action Committee for Sign Writing®. DAC: La Jolla, 1995.

WANDERLEY, Débora Campos. **Aspectos da leitura e escrita de sinais: estudos de caso com alunos surdos da educação básica e de universitários surdos e ouvintes**. 2012. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

ANEXOS



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO – UFERSA
CENTRO MULTIDISCIPLINAR – CARAÚBAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS/LIBRAS

QUESTIONÁRIO

1. Sexo: () masculino. () feminino
2. Idade: _____
3. Escolaridade: () Ensino Fundamental Incompleto.
 () Ensino Fundamental Completo.
 () Ensino Médio Incompleto.
 () Ensino Médio Completo.
 () Ensino Superior Incompleto.
 () Ensino Superior Completo.
4. Você conhece a Escrita de Sinais? () Sim. () Não.
5. Você sabe escrever usando Escrita de Sinais? () Sim. () Não.
6. Você acha difícil escrever em Português? () Sim. () Não.
7. Quando um amigo surdo escreve em Português, você entende tudo?
 () Sempre. () As vezes. () Raramente. () Nunca.
8. Acha que a Escrita de Sinais é importante?
 () Sempre. () As vezes. () Raramente. () Nunca.
9. Gostaria de aprender a Escrita de Sinais?
 () Sim. () Não. () Não sabe.



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO – UFERSA
CENTRO MULTIDISCIPLINAR – CARAÚBAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS/LIBRAS

QUESTIONÁRIO 2

1. Sexo: () masculino. () feminino
2. Idade: _____
3. Escolaridade: () Ensino Fundamental Incompleto.
 () Ensino Fundamental Completo.
 () Ensino Médio Incompleto.
 () Ensino Médio Completo.
 () Ensino Superior Incompleto.
 () Ensino Superior Completo.
4. Você acha a Escrita de Sinais importante? () Sim. () Não.
5. Você gostou de estudar Escrita de Sinais? () Sim. () Não.
6. Você quer aprender mais Escrita de Sinais? () Sim. () Não.
7. Você vai usar Escrita de Sinais a partir de agora? () Sim. () Não.
8. Você acha que a Escrita de Sinais ajuda a aprender Libras? () Sim. () Não.
9. Escrever um sinal novo em Escrita de Sinais ajuda a memorizá-lo? () Sim. () Não.
10. Porque você acha que se deve estudar Escrita de Sinais?

APÊNDICES



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO – UFERSA
CENTRO MULTIDISCIPLINAR – CARAÚBAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS/LIBRAS

- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO -

Prezado participante,

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa **“Ensino de Língua Brasileira de Sinais – Libras – como L1, associado à Escrita de Sinais”**, desenvolvida por **Giany Paiva Pedrosa**, discente de Graduação em Letras Libras pela Universidade Federal Rural do Semi-árido – UFERSA, sob orientação da Professora Esp. **Maria Márcia Fernandes de Azevedo**.

O objetivo central do estudo é analisar o interesse e eficácia do ensino da Escrita de Sinais concomitantemente à Língua Brasileira de Sinais, para verificar se há facilidade no aprendizado e também valorizar mais esta língua.

Sua participação é voluntária, isto é, você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como retirar sua participação a qualquer momento. Você não será penalizado(a) caso decida não consentir sua participação, ou desistir da mesma. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa.

A sua participação consistirá em responder perguntas de um questionário escrito antes das aulas e outro ao final das mesmas. Serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas. Apenas terão acesso aos questionários, a aluna e sua professora orientadora. Os resultados da pesquisa constarão no Trabalho de Conclusão de Curso – TCC da aluna pesquisadora, e poderá ser divulgado em artigos científicos, palestras ou cursos.

Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, pode entrar em contato com a aluna pesquisadora (Giany Paiva Pedrosa – giany.pedrosa@gmail.com) ou com sua orientadora (Maria Márcia Fernandes de Azevedo – maria.azevedo@ufersa.edu.br).

Giany Paiva Pedrosa – aluna pesquisadora

Mossoró, 18 de fevereiro de 2019

Eu, _____, declaro que entendi os objetivos e condições da pesquisa e concordo que meu filho, _____, menor de idade, participe.

Assinatura da mãe/pai/responsável



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO – UFERSA
CENTRO MULTIDISCIPLINAR – CARAÚBAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS/LIBRAS

- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO -

Prezado participante,

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa **“Ensino de Língua Brasileira de Sinais – Libras – como L1, associado à Escrita de Sinais”**, desenvolvida por **Giany Paiva Pedrosa**, discente de Graduação em Letras Libras pela Universidade Federal Rural do Semi-árido – UFERSA, sob orientação da Professora Esp. **Maria Márcia Fernandes de Azevedo**.

O objetivo central do estudo é analisar o interesse e eficácia do ensino da Escrita de Sinais concomitantemente à Língua Brasileira de Sinais, para verificar se há facilidade no aprendizado e também valorizar mais esta língua.

Sua participação é voluntária, isto é, você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como retirar sua participação a qualquer momento. Você não será penalizado(a) caso decida não consentir sua participação, ou desistir da mesma. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa.

A sua participação consistirá em responder perguntas de um questionário escrito antes das aulas e outro ao final das mesmas. Serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas. Apenas terão acesso aos questionários, a aluna e sua professora orientadora. Os resultados da pesquisa constarão no Trabalho de Conclusão de Curso – TCC da aluna pesquisadora, e poderá ser divulgado em artigos científicos, palestras ou cursos.

Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, pode entrar em contato com a aluna pesquisadora (Giany Paiva Pedrosa – giany.pedrosa@gmail.com) ou com sua orientadora (Maria Márcia Fernandes de Azevedo – maria.azevedo@ufersa.edu.br).

Giany Paiva Pedrosa – aluna pesquisadora

Mossoró, 18 de fevereiro de 2019

Eu, _____, declaro que entendi os objetivos e condições da pesquisa e concordo em participar.

Assinatura do participante